

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

GABRIEL PESSI DA ROLT

O CONTEÚDO TEÓRICO DA ATIVIDADE DE SALTO DO ATLETISMO

**CRICIÚMA
2022**

GABRIEL PESSI DA ROLT

O CONTEÚDO TEÓRICO DA ATIVIDADE DE SALTO DO ATLETISMO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Vidalcir Ortigara

**CRICIÚMA
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

D111c Da Rolt, Gabriel Pessi.

O conteúdo teórico da atividade de salto do atletismo / Gabriel Pessi Da Rolt. - 2022.

91 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2022.

Orientação: Vidalcir Ortigara.

1. Saltos (Esportes). 2. Atletismo. 3. Teoria Histórico-Cultural. 4. Teoria da atividade. I. Título.

CDD. 22. ed. 796.432

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

GABRIEL PESSI DA ROLT

**O CONTEÚDO TEÓRICO DAS ATIVIDADES DO SALTO DO
ATLETISMO**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 30 de maio de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vidalcir Ortigara
(Orientador – UNESC)



Documento assinado digitalmente

Carolina Picchetti Nascimento

Data: 15/10/2021 11:28:11-0500

CPF: 318.674.538-19

Verifique as assinaturas em <http://brasil.gov.br>

Prof. Dra. Carolina Picchetti
Nascimento (Membro – UFSC)

Prof. Dr. Carlos Augusto Euzébio
(Membro – UFPR)

Prof. Dr. Alex Sander da Silva
(Suplente – UNESC)

Prof. Dr. Rafael Rodrigo Mueller
Coordenador Adjunto do PPGE-
UNESC

Gabriel Pessi Da Rolt
Gabriel Pessi Da Rolt
Mestrando

Dedico este trabalho a todos os professores e professoras que estão na linha de frente lutando por uma Educação de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, em especial à minha mãe, Marlei Pessi Da Rolt, agradeço pelo incentivo aos estudos, por estar ao meu lado sempre e em toda a minha caminhada, e principalmente pelo amor e carinho.

Agradeço ao meu orientador, Vidalcir Ortigara, pelos ensinamentos que tive desde a graduação, pelo carinho e paciência nesta trajetória.

Agradeço aos meus professores e professoras da graduação e da pós-graduação por proporcionarem uma formação humana que pense no coletivo.

Aos amigos e colegas do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física Escolar: conhecimento e intervenção (GEPEFE), pelos conhecimentos socializados.

Agradeço aos membros da banca, Carlos Augusto Euzébio (Kabuki) e Carolina Picchetti Nascimento, por participarem e contribuírem tanto para a formação deste trabalho.

“Se o ato de saltar é, do ponto de vista físico, difícil, complexo e perigoso, são essas dificuldades que devem reforçar a importância de seu ensino.”

Carmen Lúcia Soares

RESUMO

Este trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica que tem como tema o conteúdo teórico da atividade de Salto do atletismo. Com base em estudos da Teoria Histórico-Cultural, da Teoria da Atividade (DAVIDOV, 1988; LEONTIEV, 2021) e da relação essencial do domínio da própria ação corporal (NASCIMENTO, 2014) que objetiva analisar a relação essencial da atividade de Salto do atletismo, buscou-se descobrir os conteúdos que compõem o objeto Salto. O Salto expressa etapas no seu desenvolvimento: preparação, impulso, voo e queda. Para executá-lo, o sujeito realiza uma posição mais adequada do corpo que se objetiva em uma determinada forma corporal. As formas corporais de cada etapa serão constituídas pelas técnicas. Os meios técnicos vão estabelecer para o sujeito a melhor forma para uma posição do corpo que se materializa em uma determinada forma corporal exigida para aquela determinada meta. Os meios técnicos vão ser os elementos para compor a forma corporal. A forma corporal representa o meio e o produto a ser alcançado (ações e operações). A partir das metas gerais de saltar o mais longe ou o mais alto possível, o sujeito produz uma marca externa, resultando em um quantum de Salto. O estudo permitiu explicitar os conteúdos de meta/técnica/marca de uma forma corporal. Dominar o conteúdo teórico da atividade de Salto do atletismo é importante para a organização e sistematização da atividade de estudo.

Palavras-chave: Salto. Atletismo. Atividade. Teoria Histórico-Cultural. Conteúdo Teórico.

ABSTRACT

This work consists of a bibliographical research that has as its theme the theoretical content of the Athletics Jumping activity. Based on studies of Historical-Cultural Theory, Activity Theory (DAVIDOV, 1988; LEONTIEV, 2021) and the essential relationship of mastery of bodily action itself (NASCIMENTO, 2014) which aims to analyze the essential relationship of the jumping activity of athletics, sought to discover the contents that make up the object Jump. Leap expresses stages in its development: preparation, thrust, flight and fall. To perform it, the subject performs a more adequate body position objectified in a particular bodily form. The body shapes of each stage will be constituted by the techniques. The technical means will establish for the subject the best shape for a body position that materializes in a particular body shape required for that particular goal. The technical means will be the elements for compose the body shape. The body shape represents the medium and the product to be achieved (actions and operations). From the general goals of jumping as far or as high as possible, the subject produces an external mark, resulting in a quantum of Leap. The study made it possible to explain the content goal/technique/mark of a body shape. Master the theoretical content of the activity Jumping athletics is important for the organization and systematization of the study activity.

Keywords: Jump. Athletics. Activity. Cultural-Historical Teory. Theoretical content.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pintura da representação do salto na era antiga.....	47
Figura 2 - Representação da fase de impulsão e voo do Salto tesoura.....	53
Figura 3 - Representação da fase de impulsão e voo do Salto rolo ventral.....	54
Figura 4 - Representação do Salto Forbury Flop.....	56
Figura 5 - Representação de possibilidades no Salto em distância.....	60
Figura 6 - Esquema do conteúdo teórico da atividade de Salto.....	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBCE Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
GEPEFE Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física e Escola:
Conhecimento e Intervenção

SUMÁRIO

1. PRESSUPOSTOS INICIAIS.....	21
2. A ATIVIDADE DE SALTO	31
3. A EXPRESSÃO DO SALTO NA ATIVIDADE COTIDIANA E ESPORTIVA.....	40
3.1 O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO SALTO EM ALTURA E DO SALTO EM DISTÂNCIA.....	50
3.1.1 O SALTO EM ALTURA	52
3.1.2 O SALTO EM DISTÂNCIA	57
4. CONTEÚDO TEÓRICO DA ATIVIDADE DE SALTO DO ATLETISMO	62
4.1 ESQUEMA DO CONTEÚDO TEÓRICO DA ATIVIDADE DE SALTO	81
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS.....	87

1. PRESSUPOSTOS INICIAIS

A presente dissertação tem como finalidade investigar o Salto¹ como uma singularidade do atletismo que tem como relação o *domínio da própria ação corpora²*, em que o sujeito domina os meios técnicos em relação às metas possíveis em busca da formação de uma marca externa.

Esse movimento nos fez pensar no questionamento: qual o conteúdo teórico da atividade de Salto? Tal pergunta nos orienta na investigação da relação essencial que compõe o Salto, o que pode proporcionar os elementos de conteúdo para a organização das tarefas de estudo em âmbito escolar para que os alunos e as alunas compreendam as relações centrais que compõem este objeto de estudo.

A gênese dessa temática está nas atuações do estágio obrigatório da graduação, em que tínhamos limitações acerca de como organizar o ensino dos conteúdos, os quais julgávamos empíricos, ou seja, os tomávamos por sua aparência, relações externas das manifestações. Lembramos de quando estávamos no estágio I. Tínhamos que observar três aulas de Educação Física de uma professora da rede pública municipal, e nos deparamos com uma aula bem organizada sobre atletismo, especificamente o Salto em distância. Isso na época nos fez refletir sobre como é interessante os alunos terem acesso a conteúdos para além dos esportes hegemônicos (basquete, handebol, futebol e voleibol).

Ainda na graduação, a disciplina de Atletismo orientava-nos a participar de eventos competitivos de atletismo. Lembramo-nos de que sempre que havia opção de escolha, atuávamos na arbitragem das provas de Salto, relação que despertou o interesse de promover uma pesquisa com essa temática, tendo em vista a pouca produção até o momento sobre os objetos de estudo da Educação Física de forma conceitual, principalmente na objetividade do domínio da própria ação corporal (NASCIMENTO, 2014). Nesse contexto, o Grupo de Estudos e Pesquisas em

¹ Consideramos importante esclarecer as duas abrangências para o termo salto na exposição: utilizaremos salto (com letra inicial minúscula), de forma mais geral, para referir-nos a todo tipo de salto, e Salto (com inicial maiúscula) para referir-nos a uma forma específica, às provas esportivas do atletismo.

² As *atividades* de Ginástica e Atletismo possuem a relação de *domínio da própria ação corporal* como o objeto central de suas estruturas. Os conteúdos internos do próprio objeto de domínio da própria ação corporal são sintetizados na relação: “*meios técnicos em relação a metas possíveis*”. (NASCIMENTO, 2014, p. 220). Nesta pesquisa apresentaremos o Salto como possibilidade de conteúdo interno de metas e técnicas na relação da produção da marca. Sobre essa questão discutiremos adiante, apoiados em Nascimento (2014).

Educação Física e Escola: conhecimento e intervenção (GEPEFE) nos proporcionou avanços na compreensão das relações essenciais para a área da Educação Física.

Na literatura mais corrente no âmbito da Educação Física sobre o fenômeno Salto, Oliveira (2011, 2015), Matthiesen (2018), Matthiesen e Freitas (2017) apresentam a explicitação das regras e técnicas das ações permitidas pelas regras. Também apresentam as etapas dos Saltos em cada especificidade que expressa uma fase: preparação, impulsão, voo e queda. Para cada prova existente há um conjunto de meios técnicos específicos, ainda que expressando as mesmas etapas de desenvolvimento dos Saltos.

Ainda que haja especificidades no movimento de cada (Salto), todos eles apresentam uma fase de preparação, envolvendo a concentração inicial do atleta e a corrida de aproximação; impulso, que deverá ser realizado com a perna de impulsão; uma fase de deslocamento ou flutuação, que é diferenciada de acordo com a técnica de movimento empregada; a queda, que concluirá o Salto. (MATTHIESEN, 2018, p. 96).

Partimos do pressuposto que em âmbito escolar, se pensarmos que talvez no ensino dessas etapas de desenvolvimento dos Saltos elas sejam retratadas como etapas técnicas por si só, uma descrição empírica de suas manifestações acarreta uma limitação no desenvolvimento de uma personalidade criativa.

O conceito empírico expressa a generalização de formação de conceitos de forma direta, a relação externa dos objetos da realidade, mas também o conhecimento imediato da realidade, sem mediação. “O conhecimento empírico é o movimento na esfera da exterioridade, a assimilação do aspecto da realidade descrita por categoria de existência.”³ (DAVIDOV, 1988, p. 123). O autor ainda define o conteúdo empírico do conceito como aquele que

se limita a descrever, catalogar, expor e esquematizar todas as manifestações externas do processo de realidade à medida que o autor os descobre. A repetição externa, a semelhança, o desmembramento são as propriedades gerais da realidade capturada e "esquematizada" por conceitos empíricos.⁴ (DAVIDOV, 1988, p. 130).

3 As citações em língua estrangeira foram traduzidas por nós, expondo o texto original em nota de rodapé. “El conocimiento empírico es el movimiento en la esfera de esta exterioridad, la asimilación del aspecto de la realidad descrito por la categoría de existencia.”

4 “Se limita a describir, catalogar, exponer y esquematizar, a medida que el autor va descubriéndolas, todas las manifestaciones externas del proceso de la realidad. La repetición externa, la similitud, la

Nesse sentido, segundo Davidov e Slobódchikov (1991), o conceito empírico, ao ser tratado em âmbito escolar. Limita as possibilidades de formar nos jovens uma personalidade criativa, pois o cultivo desse pensamento não favorece aos jovens desenvolverem outro tipo de pensamento (o teórico) que ultrapasse as ações práticas utilitárias. A criança deve ser o sujeito livre da vida escolar, de todos os tipos de atividades (artística, estudo, esportiva, trabalho). O pensamento pedagógico deve girar em volta das crianças, suas possibilidades psíquicas e físicas com foco em ampliar as normas sociais da cultura.

Uma educação escolar no contexto de uma organização social capitalista que promove um ensino que leva as crianças a desenvolverem um intelectualismo racionalista e, como resultado, o domínio de pensamento tecnocrático empírico para o mercado de trabalho não dá suporte para promover uma formação que desenvolva as capacidades genéricas do ser humano. Esta escola tradicional que trata de conhecimentos empíricos entende por ensino, antes de tudo, a transmissão direta de conhecimentos, habilidades, hábitos que serão úteis aos jovens na vida futura desenvolvendo-se para a força técnica de trabalho. Davidov (1988, p. 5) afirma que

[...] a escola tradicional cultiva nas crianças só um tipo de pensamento, no seu momento minuciosamente descrito pela lógica formal: o pensamento empírico. Para este é característica uma relação utilitária cotidiana com as coisas e, por isso, alheia à valorização e compreensão teórica da realidade. O pensamento empírico tem seus tipos específicos de generalização e abstração, seus procedimentos peculiares para formar os conceitos, os que justamente obstaculizam a assimilação plena, pelas crianças, do conteúdo teórico dos conhecimentos, que penetram cada vez mais na escola atual.⁵

Essa natureza predominantemente empírica e utilitária marca o processo pelo qual as novas gerações assimilam esses conhecimentos como necessidade para continuar a produção e reprodução da própria existência.

desmembración son las propiedades generales de la realidad captadas y 'esquemáticas' por los conceptos empíricos."

5 La escuela tradicional cultiva en los niños sólo un tipo de pensamiento, en su momento minuciosamente descrito por la lógica formal: el pensamiento empírico. Para éste es característica una relación cotidiana, utilitaria hacia las cosas y por ello es ajeno a la valoración y comprensión teóricas de la realidad. El pensamiento empírico tiene sus tipos específicos de generalización y abstracción, sus procedimientos peculiares para formar los conceptos, los que justamente obstaculizan la asimilación plena, por los niños, del contenido teórico de los conocimientos, que penetra cada vez más en la escuela actual.

Pensando em outra escola projetamos, como perspectiva a ser elaborada, a que propicie as condições para uma atividade pedagógica – por atividade pedagógica nos referimos à “unidade dialética entre o ensino-aprendizagem-desenvolvimento” (MOURA; ARAUJO; SERRÃO, 2019. p. 420) – que, de acordo com Davidov e Slobódchikov (1991), vise à formação de uma personalidade criativa dirigida ao coletivo, à solidariedade, ao companheirismo, à civildade, ao caráter firme, ao amor ao trabalho⁶, desenvolvendo todas as dimensões humanas. Isso pressupõe o ensino de uma posição cívica consciente, preparação para a vida, o trabalho, a criatividade social, a participação e autogestão democrática, a responsabilidade pelo destino do país e da civilização, ou seja, o desenvolvimento das questões multilaterais das novas gerações.

Nosso objetivo não é explicitar os conceitos citados anteriormente, embora estejamos preocupados com essa formação e, por isso, buscamos analisar um conteúdo teórico que possibilite um pensamento teórico. Não vamos analisar a escola como um todo, porém focar uma particularidade da educação escolar, a Educação Física e um de seus conteúdos. Por isso veremos brevemente como o conteúdo da Educação Física brasileira se desenvolveu no processo histórico.

Segundo Bracht (1999), a Educação Física passou, em seu processo histórico, por várias perspectivas de organizar e sistematizar o conteúdo de seu ensino, tais como: higienismo, tecnicismo, desenvolvimentismo e psicomotricidade. Nelas os conteúdos eram voltados para a saúde e o desenvolvimento motor.

Os objetivos e as propostas educacionais da Educação Física foram se modificando ao longo deste último século, e todas estas tendências, de algum modo, ainda hoje influenciam a formação do profissional e as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física. (DARIDO, 2003, p. 1).

No contexto atual, a Educação Física carrega essas características de pensar os conteúdos com objetivo de promover saúde e desenvolvimento motor, e, se abordarmos o Salto nessas organizações, veremos que se limita às possibilidades de ampliar o acesso aos conceitos em seus aspectos de manifestação imediata, o que tem implicações no desenvolvimento multilateral das crianças. Ademais, há

⁶ Quanto ao amor ao trabalho, vale lembrar que Davidov e Slobódchikov (1991) o estão projetando para uma sociedade de relações igualitárias, em que não há divisão de classes e exploração do ser humano por outro ser humano. O trabalho continuará sendo atividade básica de intercâmbio orgânico entre homem e natureza para a existência do próprio ser humano.

necessidade de pensarmos uma outra Educação Física, que supere os modelos citados, que promova o desenvolvimento motor e a saúde justamente para que ela possa estar coerente com as orientações dos documentos gerais que deveriam guiar o debate da prática pedagógica escolar no âmbito escolar, como no caso do estado de Santa Catarina. Tais documentos – a Proposta Curricular de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 2014), o Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense (SANTA CATARINA, 2019) e a proposta curricular do município, Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Criciúma (CRICIÚMA, 2020) – apontam como base psicopedagógica a Teoria Histórico-Cultural, que projeta a formação máxima de desenvolvimento das crianças. Se a própria Educação Física estiver sendo tratada como desenvolvimento motor e saúde por si só, estará limitando as possibilidades de desenvolvimento como preconizado por esses documentos.

[...] quando tomamos a educação integral desde uma perspectiva histórico-cultural, torna-se evidente a busca por uma formação que considere a emancipação, a autonomia e a liberdade como pressupostos para uma cidadania ativa e crítica, que possibilite o desenvolvimento humano pleno e a apropriação crítica do conhecimento e da cultura. (SANTA CATARINA, 2014, p. 26).

No âmbito da Educação Física escolar, encontramos reflexões de estudos que apontam para a proposta citada com base na Teoria Histórico-Cultural. No debate acadêmico atual, encontramos a proposição crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992), que se situa entre as que ganharam mais repercussão acadêmica para pensar a Educação Física escolar, mas que encontra dificuldades em sua efetivação na escola.

A proposição crítico-superadora visa discutir, na tematização das práticas corporais, as necessidades dos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora no contexto da organização das relações de produção capitalista. Os interesses imediatos da classe trabalhadora focalizam a “necessidade de sobrevivência, luta no cotidiano, direito ao emprego, ao salário, alimentação, transporte, saúde, educação, enfim, as condições dignas de existência” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 24). Os interesses imediatos da classe proprietária correspondem às necessidades de acumular riquezas, gerar renda, ampliar o consumo, o patrimônio. Já seus interesses históricos correspondem à necessidade de se garantir no poder. Os interesses históricos da classe trabalhadora se

expressam “através da luta e da vontade política para tomar a direção da sociedade, construindo a hegemonia popular.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 24). Os autores afirmam que a proposta pedagógica que apresentam “[...] se expressa através de uma ação prática, no sentido de transformar a sociedade de forma que os trabalhadores possam usufruir do resultado de seu trabalho” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 24), ou seja, pela práxis. Percebe-se que a luta de superação se dá pelo princípio da práxis. Bottomore (2001, p. 292, grifo do autor) apresenta a definição do termo:

A expressão práxis refere-se, em geral, a ação, a atividade, e, no sentido que lhe atribui Marx, à atividade livre, universal, criativa e auto criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz), e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico e a si mesmo; atividade específica ao homem, que o torna basicamente diferente de todos os outros seres. Nesse sentido, o homem pode ser considerado um ser da práxis, entendida a expressão como o conceito central ao marxismo, e este como a “filosofia” (ou melhor, o “pensamento”) da “práxis”.

O princípio da práxis da luta pela superação do atual modelo social com vistas a atender aos interesses históricos da classe trabalhadora consiste, no âmbito da Educação escolar, no trato do conhecimento na direção epistemológica. Tomamos como ponto de partida a proposta crítico-superadora exatamente por sua base teórica e, efetivamente, sua proposta possibilitou avanço considerável na organização do ensino. De acordo com o Coletivo de Autores (1992), a Educação Física é tomada como matéria escolar que trata, pedagogicamente, de temas da cultura corporal, ou seja, os jogos e brincadeiras, as ginásticas, as lutas, as danças e os esportes. Mas o que é cultura corporal? Apesar da presente conceituação trazer avanços para a área da Educação Física, a descrição de cultura corporal ainda necessita de estudos que a objetivem em termos de conceitos e seus conteúdos.

Com esse avanço da crítico-superadora, surgiram teses que contribuíram para o debate acadêmico em Educação Física com base nessa teoria: Ortigara (2002) discutiu as questões ontológicas do ser social no âmbito da Educação Física; Húngaro (2008) o conceito de trabalho e emancipação humana; Miranda (2013) apresentou o ensino desenvolvimental e a aprendizagem do voleibol. A referência que nos proporciona avanços na relação essencial da cultura corporal, desenvolvendo as questões da Atividade Pedagógica da Educação Física, é Nascimento (2014). A partir dos conceitos apresentados por Nascimento (2014, p.

14-15) sobre “a criação de uma imagem artística com as ações corporais, o controle da ação corporal do outro e o domínio da própria ação corporal”, no campo acadêmico foram se desenvolvendo as relações essenciais das particularidades da cultura corporal, como por exemplo, os trabalhos dos membros do GEPEFE: Euzébio (2017) expôs o *Conteúdo Teórico do Conceito de Estratégia e Tática*; Milak (2018) realizou um experimento didático-formativo do ensino desenvolvimental do conceito de jogo nos Anos Iniciais; Meneghel (2019) fez reflexões sobre o *Conteúdo Teórico do Conceito de Xadrez*; Bernardo (2020) realizou estudo do *Conteúdo Teórico do Conceito de Regras*.

Além de nossa participação em eventos de atletismo e das atuações no estágio curricular da graduação já citados, consideramos também esse arcabouço de estudos do GEPEFE para estabelecermos o Salto como objeto de investigação.

Levando em conta as questões apresentadas, nosso objeto central é abordar a atividade Salto como expressão do atletismo que apresenta o saltar no sentido vertical ou horizontal, representado pelas manifestações do Salto em altura e do Salto em distância. Esse enfoque fez surgir muitos questionamentos: o que eles têm em comum para serem chamados Salto? O que eles têm de especificidade? Como a técnica se manifesta em cada especificidade do Salto? Tais questões nos remetem à problemática principal: qual o conteúdo teórico da atividade de Salto?

Considerando que atletismo, em sua expressão semântico-histórica, vem do grego *Athos*, que significa “luta, combate em jogos, competição” que historicamente conduziu-se para as atividades de corridas, Saltos e lançamentos (MATTHIESEN, 2018), questionamo-nos o que faz com que as corridas, os Saltos e os lançamentos se caracterizem como atletismo. Qual a finalidade do Salto? Há caracterização de regras e técnicas que não podem ser descartadas quando o assunto é atletismo. Essas questões explicitam que o saltar não é qualquer salto, assim como as corridas e os lançamentos não o são, eles não podem estar descontextualizados do âmbito da atividade de atletismo. Tais questionamentos também contribuem para tornar presente a reflexão em relação ao conteúdo do atletismo no sentido de que não seja confundido com preparação física em função de outras atividades (jogos, lutas, ginásticas) ou tomado como ações das atividades cotidianas dos seres humanos na antiguidade, que corriam atrás de suas presas, saltavam rios e troncos etc. Embora estejamos preocupados com o conteúdo do atletismo em sua totalidade, nesta

pesquisa abordaremos uma de suas especificidades, as provas de Salto em distância e em altura, o que permite e exige sua análise em relação ao saltar de forma vertical e horizontal realizado no cotidiano dos seres humanos.

Nesta pesquisa, a relação da atividade esportiva com especificidade do Salto será debatida com base nos pressupostos da Teoria Histórico-Cultural e da relação essencial do objeto de estudo da Educação Física, revelada por Nascimento (2014), de *domínio da própria ação corporal* no estabelecimento de metas possíveis em relação às condições técnicas, tendo em vista a produção de uma marca. Nosso objetivo é analisar o conteúdo teórico da atividade de Salto. Identificamos como objetivos específicos: i) Estudar as relações de metas do Salto; ii) Identificar o desenvolvimento da técnica nas manifestações específicas do Salto em distância e do Salto em altura; iii) Estudar a formação da marca externa do Salto.

O primeiro passo da investigação foi procurar o que há de produção em relação à temática. Realizamos uma pesquisa nos periódicos dos *Cadernos de Formação do CBCE* e no banco de dados Scielo no período de 2014 a 2021, com os descritores “atletismo e conhecimento” e “atletismo e ensino”. Encontramos seis trabalhos, mas ao lermos os títulos e os resumos desses seis artigos, selecionamos um trabalho que ajudou a entender o desenvolvimento técnico do Salto em distância: *Padrão cinemático da fase de impulsão utilizado pelos atletas de salto em distância de elite* (OLIVEIRA, 2015). Contudo, não localizamos estudos que abordam a relação essencial do Salto nem trabalhos com o referencial teórico de nossa investigação. Em parte, já esperávamos por isso, uma vez que a tese da produção da relação essencial do objeto de estudo da Educação Física foi defendida em 2014 (NASCIMENTO, 2014), um dos motivos por estabelecermos o período de busca a partir de 2014. Acreditamos que ainda não tivemos tempo suficiente para compreendermos todas as particularidades das relações essenciais da cultura corporal propostas pela autora. Porém, consideramos importante permanecermos abertos à temática para que a própria Educação Física amplie suas reflexões, de forma a alargar as possibilidades de organização e sistematização de seu ensino.

Sendo assim, refizemos a busca com os mesmos descritores, porém expandindo-a para o período de 2007 a 2014, e identificamos dois artigos relevantes para esta pesquisa. Um tratando sobre um experimento de Salto em distância: *Salto em distância: avaliação de desempenho em diferentes distâncias de corrida* (BEIER

2007); outro apresentando a biomecânica do Salto em altura, o que contribuiu para analisar a técnica do Salto: *Análise Biomecânica do salto em altura*. (OLIVEIRA, 2011).

Na busca por livros de atletismo e especificamente sobre o Salto, encontramos: *O atletismo: teoria e prática* (MATHIESEN, 2018); *História dos Saltos* (MATHIESEN; FREITAS, 2017) e *Aspectos pedagógicos de atletismo* (ROJAS, 2017).

Nesse sentido, avaliamos como relevante apresentar este trabalho que busca a relação essencial das atividades do Salto para que forneça subsídios aos professores e professoras para a organização do ensino no âmbito escolar.

Para alcançar o objetivo da pesquisa, é importante deixar claro o procedimento metodológico que nos levou a solucionar o problema da pesquisa, sistematizando o objetivo geral e os específicos como processo de estudo investigativo. Realizamos ações de estudo dos pressupostos da Teoria Histórico-Cultural; da Teoria da Atividade; da relação essencial do domínio da própria ação corporal; e de autores que realizam uma discussão mais direta do Salto.

Os principais autores utilizados nesta pesquisa para compreender a Teoria Histórico-Cultural, com foco no estudo de conceito empírico e teórico e Teoria da Atividade, são Davidov (1988) e Leontiev (n/s, 2021). Para análise do objeto de estudo da Educação Física, especificamente sobre o domínio da própria ação corporal, recorreremos a Nascimento (2014); e para compreender os elementos técnicos do Salto em altura e do Salto em distância, tal como o atletismo em âmbito geral, utilizamos Oliveira (2011, 2015), Matthiesen e Freitas (2017) e Matthiesen (2018).

Na tentativa de expressar logicamente o movimento de investigação realizado ao longo da pesquisa, propusemos a seguinte estrutura de exposição. Na primeira seção, *A atividade Salto*, após os pressupostos iniciais, buscamos apresentar o entendimento daquilo que chamamos de atividade enquanto expressão constituinte do ser humano. Utilizamos como principais referenciais Leontiev (2021) e Davidov (1988), expondo os componentes da atividade (necessidade, motivo, finalidade, tarefa, ações e operações).

Em seguida, na seção *A expressão do Salto na atividade religiosa e esportiva*, buscamos responder como a atividade de Salto se expressa na atividade cotidiana

religiosa e esportiva, que manifesta diversas finalidades e motivos ao longo do contexto histórico, e como os elementos técnicos do Salto em altura e do Salto em distância se desenvolveram na contemporaneidade. Trata-se de um capítulo introdutório de conceituação da necessidade do Salto, seu surgimento, questões históricas de sua manifestação. Utilizamos como principal referência Nascimento (2014), identificando a gênese do domínio da própria ação corporal como um componente essencial desse fenômeno. Valemo-nos das obras de Matthiesen (2018) e Matthiesen e Freitas (2017) para identificar o processo histórico do Salto em altura e do Salto em distância.

Na seção seguinte, apresentamos o *Conteúdo teórico da atividade de Salto* expondo o Salto no âmbito de domínio da própria ação corporal na relação entre meios técnicos e metas possíveis para realizar uma posição mais adequada do corpo que se materializa em uma determinada forma corporal expressa nas etapas de desenvolvimento: preparação, impulso, voo e queda do Salto em altura e do Salto em distância, projetando, enquanto finalidade desta atividade, uma marca externa. Utilizamos como principal referência as obras de Nascimento (2014), Matthiesen (2018), Matthiesen e Freitas (2017) e Oliveira (2011, 2015).

2. A ATIVIDADE DE SALTO

Neste capítulo temos por objetivo apresentar o conceito de atividade como expressão principal da aprendizagem/desenvolvimento do ser humano para caracterizarmos a especificidade de Salto. Não é nosso propósito explicitar ou aprofundar todos os elementos em que a atividade se expressa, mas apontar, de forma geral, o que entendemos sobre aquilo que chamamos atividade. “Um ato executado pelo ser humano não é um ato isolado. Este ato está implicado na atividade”⁷ humana.⁸ (RUBINSTEIN, 1973, p. 63).

O ser humano atua com a natureza como uma de suas forças, põe em movimento as forças naturais de seu corpo (braços, pernas, cabeça e mãos) a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo forma útil à vida humana. Ao transformar a natureza o homem também se transforma. (MARX, 2016, p. 211).

Segundo Rubinstein (1973), a específica atuação humana se desenvolveu por meio do trabalho como ato da atividade de trabalho. Os atos conferem uma determinada função social (papel social – por exemplo, o ato de saltar carrega uma função social para atividade do atletismo) de uma especificidade da atividade de trabalho. Toda forma de expressar uma atividade é uma abstração da atividade objetiva, expressa pelo trabalho coletivo.

[...] *atividade* é a abstração teórica de toda prática humana universal, que tem um caráter histórico-social. A forma inicial de todos os tipos de atividade das pessoas é a prática histórico-social do gênero humano, quer dizer, a atividade coletiva de trabalho, adequada, sensório-objetal, transformadora, das pessoas. Na atividade se explicita a universalidade do sujeito humano. (DAVIDOV, 1988, p. 27, grifo do autor)⁹.

Conforme Davidov e Slobódchikov (1991), atividade é a transformação pelos seres humanos da realidade que os circunda com a finalidade de produção de objetividade que satisfaça alguma necessidade. A forma inicial dessa transformação

⁷ “Um acto executado pelo ser humano não é um acto isolado. Este acto está implicado na atividade.”

⁸ Consideramos importante esclarecer que toda atividade é exclusivamente humana. Por isso não há necessidade de utilizar sempre a nomenclatura “atividade humana.”

⁹ [...] *actividad* es la abstracción teórica de toda la práctica humana universal, que tiene un carácter histórico-social. La forma inicial de todos los tipos de actividad de las personas es la práctica histórico-social del género humano, es decir, la actividad laboral colectiva, adecuada, sensorio-objetal, transformadora, de las personas. En la actividad se pone al descubierto la universalidad del sujeto humano.

é o trabalho. Todos os tipos de atividades materiais e espirituais do ser humano são derivados do trabalho e levam em si seu traço principal, a transformação da natureza e, como resultado, de si mesmo.

Toda atividade tende a uma finalidade de um processo objetivo. No Salto, por exemplo, o participante tem um objetivo que está relacionado com sua finalidade de produzir uma marca externa. A essência da atividade pode ser descoberta no processo de análise do conteúdo de conceitos inter-relacionados, como trabalho, esporte¹⁰.

De acordo com Davidov (1988), o ser humano, como ser social, tem muitas carências materiais e espirituais¹¹. A busca de meios para satisfazer as necessidades leva o indivíduo à estruturação de imagens dos objetos dessas carências, quer dizer, estabelece o conteúdo das necessidades relativas aos correspondentes objetos da cultura material e espiritual que impulsiona o sujeito na atividade. A necessidade está ligada inicialmente a um círculo amplo e ainda não definido de objetos. A busca de objetos, que corresponde à necessidade, leva ao surgimento dos motivos da atividade. As condições da vida social do sujeito não podem obter diretamente o objeto requerido pelo motivo; é necessário produzi-lo. Esse objeto se converte em finalidade da ação. Nos meios para adquirir a finalidade o indivíduo define as ações para resolver a tarefa, durante cujo cumprimento ocorre a produção do objeto requerido pela necessidade.

Por isso a atividade está sempre ligada a uma necessidade. Sendo expressão da carência de algo que o sujeito experimenta, a necessidade desperta, por meio das ações realizadas no meio social, a produção de objetividades que supram tal carência. A busca pelas propriedades dos objetos existentes consiste na determinação da atividade por parte do mundo exterior. Nesse processo, há o contato com o objeto como necessidade de sua objetivação, sua conversão no motivo da atividade. Posteriormente, a atividade do sujeito já não é dirigida pelo objeto, mas por sua imagem (conhecimento) surgida na situação de busca, no processo, das propriedades do objeto.

[...] o homem no processo de trabalho prevê e antecipa seu produto. Esta previsão toma forma de uma representação ideal, a que ao

¹⁰ O esporte, neste trabalho, é compreendido como uma forma genérica da atividade. (NASCIMENTO, 2014).

¹¹ Espiritual não no sentido de alma (contexto religioso), mas no sentido da psique.

mesmo tempo, como finalidade consciente, precede a produção do objeto. Esta finalidade determina como uma lei o procedimento e o caráter das ações do homem que subordina a ela sua vontade. [...] a produção dá ao consumo o objeto em sua forma externa, está igualmente claro que o consumo *pressupõe* idealmente o objeto da produção como imagem interna, como necessidade, como tendência e como finalidade. [...] Em todos os tipos de atividade o processo de obtenção de seu resultado objetual está precedido por seu surgimento na cabeça do homem da necessidade, tendência, a imagem interna, a representação e a finalidade que permitem no plano *ideal* prever, antecipar e testar as ações possíveis dirigidas para a realização real do resultado que satisfaça sua necessidade. [...] O ideal é o reflexo do mundo externo em formas socialmente determinadas de atividade do homem. [...] O ideal é a existência da coisa externa em sua fase de estabelecimento na atividade do sujeito, em forma de sua necessidade e imagem interna. (DAVIDOV, 1988, p. 38-39, grifo do autor).¹²

As formas ideais da atividade surgem nas condições da gênese interna do processo histórico-cultural das produções de instrumentos. Para que as pessoas socializem suas próprias “habilidades” para produções de instrumentos, devem criar, formular ao mesmo tempo os padrões socialmente significativos (como as técnicas) universais dessas “habilidades”. “O instrumento é, portanto, um objeto com o qual se realiza uma ação de trabalho, operações. [...] o instrumento não é apenas um objeto de forma particular, de propriedades físicas determinadas; é também um objeto social.” (LEONTIEV, n/s, p. 88). Ao formar os padrões que podem denominar-se formas ideais dos instrumentos das coisas, tornam-se esfera da cultura. Quer dizer, os procedimentos historicamente formados da atividade que se contrapõem ao indivíduo, na consciência. Ademais, em essência a atividade pressupõe não apenas as ações de um só indivíduo tomado isoladamente, mas também suas ações nas condições da atividade de outras pessoas, isto é, pressupõe certa atividade coletiva

¹² [...] el hombre en el proceso de trabajo prevé y anticipa su producto. Esta previsión toma la forma de una representación ideal, la que al mismo tiempo, como finalidad consciente, precede a la producción del objeto. Esta finalidad determina como una ley el procedimiento y el carácter de las acciones del hombre, que subordina a ella su voluntad. [...] la producción da al consumo el objeto en su forma externa esté igualmente claro que el consumo *presupone* idealmente el objeto de la producción como imagen interna, como necesidad, como tendencia y como finalidad. [...] En todos los tipos de actividad el proceso de obtención de su resultado objetual está precedido por el surgimiento en la cabeza del hombre de la necesidad, la tendencia, la imagen interna, la representación y la finalidad que le permiten en el plano *ideal* prever, anticipar y probar las acciones posibles dirigidas al logro real del resultado que satisface la necesidad. [...] Lo ideal es el reflejo del mundo externo en formas socialmente determinadas de actividad del hombre. [...] Lo ideal es la existencia de la cosa externa en su fase de establecimiento en la actividad del sujeto en forma de su necesidad e imagen interna.

(DAVIDOV, 1988). “O fabrico e o uso de instrumentos só é possível em ligação com a consciência do fim da ação de trabalho.” (LEONTIEV, n/s, p. 88).

Marx (2016, p. 211-212) ressalta:

Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador.

Nesse sentido, o ser humano antecipa, projeta no pensamento o resultado das ações de sua atividade. O objeto no processo de trabalho, está no pensamento antes mesmo de realizar suas ações, e à medida que vai construindo este objeto, o sujeito transforma a natureza e ao mesmo tempo se transforma. O caráter objetual constitui o núcleo da atividade. O objeto não se compreende como algo existente por si só e atuando sobre o sujeito, mas como aquele a que está dirigido o ato, ou seja, como algo com o que o ser humano se relaciona com o objeto de sua atividade, seja ela interna ou externa.

Vigotski identificou dois principais aspectos inter-relacionados que devem ser colocados na base da ciência psicológica. Trata-se da estrutura de instrumento (‘instrumental’) da atividade humana e sua inserção no sistema de inter-relações com outras pessoas. [...] elas que determinam as características dos processos psicológicos no ser humano. O instrumento medeia atividade, que nos liga não apenas ao mundo das coisas, mas ao mundo das pessoas. Graças a isso, a atividade *assimila a experiência da humanidade*. Daí também resulta que os processos psíquicos (suas ‘funções psíquicas superiores’) adquirem a estrutura que tem como elo obrigatório os meios e modos formados sócio-historicamente, transmitidos pelas pessoas ao redor no processo de cooperação, no contato entre elas. Mas transmitir o meio, o modo de execução de determinado processo é impossível de outra maneira que não seja na forma exterior, na forma de ação ou de discurso exterior. Em outras palavras, os processos superiores especificamente humanos podem se originar apenas na interação entre pessoas, ou seja, como processos *interpsicológicos*, e só então eles começam a ser executados pelo indivíduo de forma independente; além disso, alguns deles posteriormente perdem sua forma exterior inicial, convertendo-se em processos *intrapsicológicos*. (LEONTIEV, 2021, p. 118, grifo do autor).

De acordo com Vigotski (2007), todas as funções no desenvolvimento dos sujeitos aparecem em dois momentos: no primeiro momento, no nível social, entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no nível individual, interior das pessoas

(intrapicológica). Essa relação se desenvolve para todas as funções psicológicas superiores (memória, pensamento, volitividade, formação de conceitos) que se originam das relações reais entre os seres humanos.

Com o desenvolvimento da atividade psíquica interna, que tem gênese na atividade prática, resulta a formação humana desenvolvida pelo trabalho coletivo, surge a consciência do sujeito: “o reflexo da realidade pelo sujeito de sua atividade, de si mesmo.” (LEONTIEV, 2021, p. 119). Só a partir da consciência mediada pela linguagem, que “funciona não apenas como meio de comunicação, mas também como portadora de significados sociais elaborados, fixados nela” (LEONTIEV, 2021, p. 119), no processo de produção material, o ser humano produziu também a consciência. A atividade interna, por sua forma, ao originar-se da atividade externa prática, não se separa e não se coloca acima dela, mas em unidade (LEONTIEV, 2021).

A consciência humana fará doravante a distinção entre a atividade e os objetos. Eles começam a tomar consciência também destes pela sua relação. Isto significa que a própria natureza (os objetos do mundo circundante) se destaca também para eles e que ela aparece na sua relação estável com as necessidades da coletividade e com a sua atividade. Assim, o homem recebe o alimento, por exemplo, como objeto de uma atividade particular – procura, caça, preparação – e ao mesmo tempo, como objeto que satisfaz determinadas necessidades humanas, independentemente do fato do homem considerado sentir ou não a necessidade imediata ou de ela ser ou não atualmente o objeto da sua atividade própria. Consequentemente o alimento pode ser distinguido, entre outros objetos de atividade, não apenas “praticamente”, mas também “teoricamente”, isto quer dizer que ele pode ser conservado na consciência e torna-se “idéia”. (LEONTIEV, n/s, p. 87, grifo do autor).

Para Davidov (1988), na consciência do indivíduo, graças à qual se reproduzem idealmente determinadas relações sociais, estão representadas também idealmente determinadas necessidades, interesses e as posições das outras pessoas incluídas nas relações da atividade coletiva.

Diante desses conceitos, a atividade carrega uma estrutura que, segundo Leontiev (2021), expressa componentes que caracterizam a atividade: necessidades, motivos, finalidades, tarefas, ações e operações.

De acordo com Davidov (1988), o sujeito, durante a estruturação dos componentes ideais de sua atividade (necessidades, motivos, finalidades) e das imagens ideais das situações que realizam as ações, deve atuar como um ser

consciente, social. No âmbito geral a atividade, na realidade coletiva, sempre expressará uma atividade específica, a qual responde a uma determinada necessidade do sujeito, que é dirigida ao objeto dessa necessidade. Em decorrência dessa busca de satisfazer sua necessidade, o objeto pode ser produzido, talvez, em outras condições. A mais importante distinção entre uma e outra atividade consiste na diferença de seus objetos; o objeto da atividade é seu motivo.

Assim, o conceito de atividade está necessariamente ligado ao conceito de motivo. [...] Os principais “componentes” de cada atividade isolada são ações que a realizam. Chamamos ação o processo que se vê subordinado a um objetivo consciente. Assim, como o conceito de motivo está correlacionado com o conceito de atividade, o conceito de objetivo está correlacionado com o de ação. (LEONTIEV, 2021, p. 123, grifo do autor).

As ações que realizam a atividade são despertadas pelo motivo, mas orientadas a um objetivo. A atividade em geral se realiza por meio de um conjunto de ações subordinadas a objetivos específicos, que podem estar separados do objetivo geral.

Todo objetivo [...] existe objetivamente em alguma situação objetiva. É claro que para a consciência do sujeito o objetivo pode aparecer na abstração dessa situação, mas sua ação não pode abstrair-se dele. Por isso, afora seu aspecto intencional (*o que* dever ser alcançado), a ação tem seu aspecto operacional (como, de que modo isso pode ser alcançado), que é determinado não pelo objetivo em si, mas pelas condições objetivo-objetais para que seja alcançado. Em outras palavras, a ação *que se realiza* responde a tarefa; a tarefa é o objetivo, dado em condições determinadas. Por isso, a ação tem uma qualidade especial, que a “formula” de modo especial, e justamente os modos pelos quais ela se realiza. Eu denomino *operações* os modos de realização. A ação, [...] está relacionada com objetivos; as operações com as condições. (LEONTIEV, 2021, p. 127, grifo do autor).

Segundo Leontiev (2021), a origem da ação está relacionada às relações de troca de atividades; toda operação é resultado da transformação da ação que desmembra outra ação, que posteriormente desenvolve a técnica. A operação e a ação se expressarão sempre em unidade, assim como a ação em relação à atividade.

Ao realizar as ações e as operações, o sujeito sempre projeta essas relações para resolver uma tarefa. “[...] a tarefa é uma unidade entre a meta¹³ (objetivo) e as condições para o seu alcance. Para executar uma tarefa, a pessoa estabelece a meta (objetivo) de acordo com as condições nas quais essa meta será alcançada.” (DAVIDOV, 2019, p. 293).

Todo este processo que a atividade no contexto geral expressa se desenvolve também na atividade de Salto. Durante a realização da atividade de Salto, o sujeito tem necessidade de saltar o mais longe ou o mais alto possível. Neste caso, a necessidade estará ligada à meta geral da atividade (objetivo a ser alcançado), e o motivo de saltar está ligado à sua finalidade, que é a produção de uma marca. Para satisfazer essa necessidade, ele projeta as tarefas (como vencer a ação da gravidade com o impulso do corpo) e ao mesmo tempo realiza ações e operações a fim de que isso aconteça. As ações e as operações acabam compondo uma *forma corporal*. Nesse sentido, os meios técnicos estabeleceram uma melhor forma da posição do corpo em cada etapa de desenvolvimento do Salto, utilizando a técnica como instrumento para satisfazer a necessidade do Salto. Ao mesmo tempo, projetam a meta do objetivo da atividade de Salto, que expressará a finalidade da produção da marca.

A ação de saltar está presente no nosso cotidiano em várias situações, com objetivos distintos, seja como expressão da atividade com conteúdo de objetivos mutuamente opostos dirigidos ao mesmo alvo, que se expressa nas manifestações de jogos e lutas, seja na produção de uma imagem artística, expressada na dança ou nas atividades circenses. Os saltos utilizados nessas manifestações se expressam em uma atividade específica, muitas vezes é uma operação ou ação de uma determinada situação de jogo, luta ou dança. O conhecimento daquilo que se chama salto em determinada objetividade de uma atividade e suas relações essenciais, num contexto em que ele tem um motivo e uma finalidade própria, terá sua ação relacionada com os próprios objetivos e suas operações por suas condições objetivas (LEONTIEV, 2021). Vejamos um exemplo nos perguntando qual a diferença do saltar por cima de um pequeno rio para caçar uma presa em relação

¹³ Segundo Davidov (2019), a meta corresponde a uma unidade do objetivo (que o sujeito projeta; seu objetivo a ser atingido transformado em uma meta a ser atuada) com as condições objetivas que todo o contexto da atividade propõe. A meta do Salto expressa uma especificidade desse objetivo que a tarefa objetiva. Procuraremos explicitar esse contexto no decorrer do texto.

ao Salto em distância, cuja finalidade é produzir uma marca. Na percepção imediata pode parecer que é o deslocamento do corpo no espaço, com impulso para vencer a gravidade e superar um espaço longitudinal, porém objetivamente compõem atividades distintas, isto é, possuem objetos diferentes.

O saltar por um pequeno rio é uma ação de uma determinada atividade que o sujeito realiza, cuja finalidade pode estar no ato de fugir de um animal feroz; o motivo da ação de saltar é diferente de saltar por cima de um pequeno rio para caçar uma presa. Neste último caso o salto é outro, no sentido da estrutura da atividade; suas ações e operações podem ser as mesmas, porém a finalidade para a qual as ações e operações estão sendo colocadas é outra.

Segundo Leontiev (2021), a mesma ação pode estar articulada a várias atividades diferentes e pode ser realizada com operações diferentes, porque essa forma de objetivação da ação é determinada pelas operações e estas, por sua vez, são determinadas pelas condições objetivas. Nascimento (2014, p. 232) nos oferece um exemplo que ajuda a compreender essa relação:

Tomemos algumas tarefas com o movimento de salto. Salta-se uma poça de água para atravessar um lugar sem se molhar; salta-se ao pé de uma árvore para alcançar um fruto; salta-se no lugar para “perder calorías”. Mas, a despeito de se “saltar” em todas essas situações, as ações com o salto são distintas, porque distintos são os objetivos que as organizam.

Mas o que estamos querendo dizer com isso? A ação do salto está sempre relacionada a um objetivo. No atletismo, a finalidade expressa a produção de uma marca em que há uma relação de unidade entre os meios técnicos e as metas possíveis, expressas nas provas de corridas, Saltos e lançamentos. A prova de Salto tem por finalidade a criação de uma marca externa¹⁴ no sentido vertical ou horizontal que se constitui em referência à meta geral, dominando os elementos técnicos dentro daquilo que as regras permitem. Assim o Salto, enquanto atividade do atletismo, tem como centro o domínio da própria ação corporal.

Salta-se para produzir com o salto uma ação corporal como uma marca. [...] Dominar uma ação corporal (no conceito aqui tratado) constitui-se no objetivo geral da atividade: constitui-se no seu *motivo*. Desse modo, realizar um movimento corporal (por exemplo, o salto)

¹⁴ Marca externa, além de expressar o quantum de Salto, seja de forma horizontal ou vertical, também é o resultado da realização dos meios técnicos e da meta geral. Isso será mais bem explicitado no capítulo 4.

e ainda que este movimento esteja efetivamente direcionado a um alvo físico determinado (saltar para ultrapassar uma barreira) não é o mesmo que ter o domínio da *ação de saltar* como objetivo geral. Nesse processo de domínio da própria ação corporal, será preciso transformar a meta geral de uma atividade (saltar o mais longe possível) em uma *marca* para si: em uma meta concreta e possível, que cumprirá o papel de referência para a ação do sujeito. A conscientização ou o domínio dos meios técnicos possíveis para alcançar a meta permite provocar uma mudança na conscientização ou domínio da própria meta, do mesmo modo que reelaborar uma meta, concretizá-la em uma meta possível, muda as possibilidades de perceber e agir com os meios técnicos relacionados à meta. (NASCIMENTO, 2014, p. 233, grifo do autor).

Veremos no próximo capítulo como o salto se expressa durante as atividades cotidianas, em que o homem se encontra nas mais diversas ocupações. Para tal explicitação, procuraremos mostrar como o Salto tem gênese na atividade produtiva, para depois se tornar parte da atividade religiosa e, na atualidade, alcançar sua especificidade na atividade esportiva. Buscaremos, também, expor o processo histórico dos elementos técnicos do Salto em altura e do Salto em distância.

3. A EXPRESSÃO DO SALTO NA ATIVIDADE COTIDIANA E ESPORTIVA

No capítulo anterior, buscamos apresentar de forma geral o conceito de atividade que expressa uma estrutura (necessidade, finalidade, motivos, tarefas, ações e operações), e apresentamos a *atividade* de Salto como a que expressa uma marca.

Neste capítulo apresentamos, em linhas gerais, o salto no contexto de uma atividade cotidiana, em que ele se movimentava como uma ação ou operação de uma atividade específica, expressando a finalidade de sobrevivência. Também expomos o salto no contexto religioso, em que tinha como finalidade homenagear os deuses, e, por fim, o salto no contexto esportivo, no qual, contemporaneamente, carrega a finalidade da marca. Apresentamos, ainda, o processo histórico das técnicas do Salto em altura e do Salto em distância entre os séculos XIX e XX.

A investigação do desenvolvimento histórico e social da atividade de Salto enquanto criação de uma marca consiste na relação essencial de *domínio da própria ação corporal*, em que há uma relação entre as metas possíveis e os meios técnicos para a formação dessa marca. Verificando a evolução do ato de saltar na história, encontramos os embriões do Salto e os motivos que movimentam as necessidades sociais de cada época.

Segundo Matthiesen e Freitas (2017), a princípio o ser humano já praticava algumas ações de saltar, correr e arremessar na era primitiva. Podemos compreender que suas ações se expressavam na atividade cotidiana em que o motivo era a necessidade de sobreviver, o que levava a uma finalidade (caçar, fugir da presa, apanhar um fruto no alto). As corridas e os saltos, por exemplo, eram utilizados para se locomover de um lugar para o outro no contexto da realização da atividade de caça, de fuga. As ações e operações que o salto exigia na época eram motivadas pela necessidade de alimentação ou proteção (fuga de uma presa); o salto era um meio para conseguir atingir tal finalidade. Nesse caso, o salto não expressava o centro da atividade, pois o motivo a que o salto se articulava não estava em atingir uma meta, mas a alimentação, a proteção, em suma, a sobrevivência.

O conteúdo da atividade corresponde ao traço essencial dos conceitos de necessidade e motivo. Nesse ponto de vista, a análise da atividade concreta do ser

humano pode ser realizada quando se define a necessidade e os motivos dessa atividade, se formula de maneira suficiente seu conteúdo objetal. O motivo estimula o ser humano a planejar a tarefa, em que manifesta a finalidade em relação às condições objetivas. As ações requerem encaminhar a criação ou a obtenção do objeto que responde à satisfação de sua necessidade. Para cumprir a ação dirigida a resolver uma tarefa determinada pela finalidade, orienta ao mesmo tempo suas operações concretas que entram na ação. Davidov traz aqui a contribuição de Leontiev:

Leontiev dedicou especial atenção à mudança e transformação da própria estrutura da atividade como sistema integral no processo de sua realização. Assim a atividade pode perder seu motivo e transformar-se em ação; se se modifica sua finalidade ela pode converter-se em operação. O motivo de uma certa atividade pode passar a ser uma finalidade da ação, como resultado esta última se converte em outra atividade. Têm lugar permanentemente as seguintes transformações mútuas: atividade \rightleftarrows ação \rightleftarrows operação emotivo \rightleftarrows finalidade \rightleftarrows condições. (DAVIDOV, 1988, p. 32).¹⁵

A ação do salto, seja na atividade de caça ou na atividade de fugir de uma presa, pode conter as mesmas ações de saltar, mas sua relação expressa uma atividade diferente. Tanto em uma atividade de caça quanto em uma atividade de fuga, o motivo, a finalidade e a necessidade do salto se expressam de maneira diferente. “[...] aquilo para que estão orientados os seus processos de atividade não coincide com o seu motivo” (LEONTIEV, n/s p. 82), O motivo de saltar para caçar um animal pode expressar uma ação para conseguir capturar um animal, diferentemente de saltar durante a atividade de fuga, em que a ação do salto agora está motivada pela necessidade de fugir de um animal feroz para poder sobreviver. Ao atravessar um rio, por exemplo, as etapas de desenvolvimento do salto, como preparação, impulso, voo e queda podem se expressar na atividade, mas sua finalidade é outra. A ação de salto opera-se como momento da atividade cuja finalidade é a sobrevivência nesta situação. Portanto, “a ligação que existe entre o objeto de uma ação (o seu fim) e o gerador da atividade (o seu motivo). [...] reflete-se agora na

¹⁵ [...] al cambio y la transformación de la estructura misma de la actividad como sistema integral en el proceso de su realización. Así, la actividad puede perder su motivo y transformarse en acción; ésta, si se modifica su finalidad, puede convertirse en operación. El motivo de una cierta actividad puede pasar a ser la finalidad de la acción, como resultado de lo cual esta última se convierte en otra actividad. Tienen lugar permanentemente las siguientes transformaciones mutuas:
 Actividad \rightleftarrows acción \rightleftarrows operación y motivo \rightleftarrows finalidad \rightleftarrows condiciones.

cabeça do homem [...] como relação prático-objetiva do sujeito para o objeto.” (LEONTIEV, n/s, p. 86). E por essa razão o objeto salto já era consciente, pois estava expresso na atividade, não uma atividade com estrutura do *domínio da própria ação corporal* na criação de uma marca, mas uma atividade cotidiana cuja finalidade é a obtenção de alimento ou de proteção.

Nas relações do trabalho das formas iniciais de sociedade tribal, as ações de saltar como técnica precisavam ser ensinadas para que as novas gerações pudessem tomar parte do processo produtivo, seja para saltar o mais alto ou o mais longe possível para pegar um alimento ou caçar, com a finalidade de sobrevivência. Aprendendo os modos de relação com tais técnicas, foram transformando-as de acordo com a atividade para a qual terão seus motivos, necessidades, finalidades, ações e operações. (LEONTIEV, n/s).

Isso exigia o ensino não apenas das técnicas em si, mas, fundamentalmente, de um *modo de relação* com tais técnicas: uma determinada atitude do indivíduo em relação à realidade na qual atuará. Esse *modo de relação* do sujeito com as ações corporais transforma-se de acordo com a *atividade* na qual as ações se darão: de acordo com o *motivo* que as organiza ou incita. Essas ações corporais de destreza aparecem nesse primeiro momento da humanidade como ações da *atividade de trabalho produtivo*. Nesse sentido, as necessidades não utilitárias na relação do homem com as destrezas corporais não se apresentam como uma ação realmente destacada e autônoma do conjunto da prática social. (NASCIMENTO, 2014, p. 113, grifo do autor).

No decorrer da história, de acordo com Ponce (2001), vigorando o comunismo tribal, homens e mulheres trabalhavam juntos para sobrevivência, sendo comum repartir com todos a produção e imediatamente consumi-la. O ensino era voltado para aprender a manejar o arco, caçar, remar guiando um barco, saltar para pegar um fruto, ou para atravessar valas, pequenos rios, entre outras ações. As crianças eram educadas tomando parte nas tarefas/atribuições/encargos do coletivo, realizando funções sociais no mesmo nível do adulto. Nesse período, o ensino era uma função espontânea da sociedade, mediada pelos indivíduos mais velhos, com o desenvolvimento do trabalho humano.

Mas esse ensino como função espontânea da sociedade é superado à medida que a sociedade vai se dividindo em classes. Desenvolve-se uma organização da divisão do trabalho que distribui tarefas de acordo com o gênero e a idade, e entre administradores e executores. Com essa organização, o aumento de

rendimento do trabalho adquiriu certo valor. Segundo Ponce (2011, p. 25, grifo do autor), “Mas, tão cedo o bem-estar da tribo aumentou, por causa das novas técnicas de produção, *os prisioneiros de guerra passaram a ser desejados*, e o inimigo vencido passou a ter a sua vida garantida com a condição de transformar-se em *escravo*”.

Ocorre, assim, a passagem da comunidade primitiva para a sociedade dividida em classes. “A história de toda sociedade até hoje é a história de lutas de classes” (MARX; ENGELS, 2011, p. 39) logo, a luta entre oprimidos e opressores, entre classe em si e classe para si.

A classe para si, com existência econômica e psicológica, se define como uma classe que já adquiriu consciência do papel histórico que desempenha, isto é, como classe que sabe a que aspira. Para a classe em si se converter em classe para si, é necessário, portanto, um longo processo de esclarecimento, em que os teóricos e as próprias peripécias da luta desempenham uma amplíssima função. (PONCE, 2001, p. 36).

De acordo com Ponce (2001), o ensino passou a servir às necessidades dos nobres. Estes tinham como fins específicos a luta contra as tradições do comunismo tribal. Todo ensino imposto pelas classes proprietárias teve que cumprir três finalidades: 1. destruir as tradições inimigas; 2. ampliar a classe dominante; 3. prevenir uma possível rebelião das classes dominadas. O conteúdo do ensino, de fato, não seria o mesmo para todos. A classe dominante tinha que aprender a ser opressora; a classe dominada tinha que aprender a aceitar esse sistema imposto como se fosse algo dado pela natureza.

O autor observa que após a sociedade ser dividida em classes, na Grécia antiga, o aumento do rendimento do trabalho humano e a economia comercial pouco a pouco ganham interesse da classe dominante. Fortalece-se a necessidade de guerras para aumentar o número de escravos, portanto era de se esperar que o ensino necessitasse ser diferente para ambas as classes. A população espartana transformou a sua organização social em um acampamento militar e fez com que a seu ensino estimulasse as virtudes guerreiras, reforçando nos jovens a consciência da sua própria classe como classe dominante. Ao terminar o período de exame pelo estado, o jovem verificava até que ponto havia chegado em seu ensino, tanto no manejo das armas quanto na compreensão dos deveres de cidadão. Diante desse contexto, podemos pensar na possibilidade de que o salto, nesse período, estivesse

incluído nas ações de preparação física, tornando o sujeito forte para o combate e sendo utilizado para estratégia de combate (em operações), pois com o salto poderia explorar espaços que seus inimigos nem poderiam imaginar.

Ao mesmo tempo, ações e operações de salto desenvolveram habilidades que, mais tarde, foram aprimoradas e adaptadas para as competições, sendo desenvolvidas em outras atividades, não mais para ações/operações de combate, mas para outra atividade, a religiosa.

Os primeiros eventos competitivos organizados na Grécia – ao menos de que se tem registro – foram realizados por volta de 1200 a.C. no monte Olimpo, onde havia um espaço específico para as diversas ações, incluindo um palco para as ações literárias e uma arena para as ações de demonstração da capacidade física dos guerreiros, em formato de disputa¹⁶. Eis a origem dos jogos olímpicos. Os homens exibiam suas forças, suas habilidades físicas e controle psicológico, tudo com a finalidade de cultuar os deuses (DARIDO; JÚNIOR, 2013).

O salto, nesse período, articulava-se com a atividade religiosa de homenagem aos deuses. O motivo-finalidade de saltar expressava a atividade religiosa, diferentemente do motivo que contempla a atividade nas provas atléticas do atletismo contemporâneo, cuja finalidade está na criação de marca. Porém, na realização das ações dos participantes na atividade religiosa dos jogos gregos, o saltar contemplava elementos embrionários de *meta geral e dos meios técnicos*. Vejamos como essa manifestação se expressava durante esse período histórico.

O salto em distância foi o único das competições gregas da época que apresenta condições similares às competições atuais, tais como: um local preparado com areia para a queda dos saltadores; uma área específica para realizar a impulsão. Entretanto, duas características, de imediato, distinguem o salto em distância praticado pelos antigos gregos daqueles praticados pelos atletas da atualidade: os saltos eram realizados ao som de flautas e saltava-se com um par de halteres, feito de pedra ou metal nas mãos. Os antigos atletas gregos balançavam os halteres para frente no momento do impulso e, pouco antes de aterrissarem, soltavam-nos para trás. Assim, utilizando esses pesos nas mãos, acreditavam que conseguiam atingir um resultado maior. Há registros de que o atleta Chionis, de

¹⁶ Nessa relação, os gregos projetavam como finalidade a busca pelo aretê, que carrega uma significação de coragem, força para enfrentar todas as diversidades com perfeição ou virtude e, nesse sentido, uma possibilidade de estarem mais próximos dos deuses.

Esparta, tenha atingido a marca de 7,05m nos Jogos Olímpicos de 656 a.C. (MATTHIESEN; FREITAS, 2017).

O salto na atividade religiosa era constituído como um ritual religioso de saudar os deuses, porém a manifestação era competitiva, tendo, entre os participantes, a celebração de um campeão.

[...] os “*jogos atléticos gregos*” estão para a sociedade grega antiga assim como o *Esporte* o está para nós: ambas as formas representam as *particularidades* a partir das quais cada uma dessas sociedades criou para si as suas relações com as ações corporais não utilitárias e, assim, criou as suas próprias *formas* de atividades corporais. (NASCIMENTO, 2014, p. 114, grifo do autor).

Essas práticas revelavam o mais alto grau de excelência com relação às capacidades humanas. A sociedade grega valorizava as práticas atléticas que eram apropriadas pelos cidadãos gregos.

O salto manifestava uma atividade em conjunto com a formação do humano, podendo ser assimilado na esfera da religião, da política, da arte. O motivo dessa prática corporal era reproduzir em si o aretê, a virtuosidade como modo de vida e princípio ético da sociedade grega antiga. Os homens buscavam a performance virtuosa (virtuosidade para se apresentar diante dos deuses) tornando-se humanos-deuses, saudando-os a partir da prática das manifestações. Na passagem a seguir, Nascimento (2014, p. 120, grifo do autor) resume o contexto dos significados da atividade de aretê que as ações bélicas expressavam.

As atividades atléticas em suas formas particulares (os saltos, a corrida, os lançamentos e as lutas) todas elas nascem e desenvolvem-se como um meio de substituir a forma “destrutiva” da relação agnóstica com o outro presente nas ações bélicas. Mas, ao mesmo tempo, elas são formas nas quais é possível demonstrar a virtuosidade presente nas ações dos guerreiros, através – justamente – de ações atléticas. Estas demandavam uma alta capacidade humana (uma determinada “excelência humana”) que deveria ser demonstrada pelos atletas em uma nova comprovação pública em que se buscava “o melhor dentre todos os demais” (o melhor salto, o melhor lançamento, o melhor lutador). Por essa razão é que se fazia necessário desenvolver e aperfeiçoar até o limite o conteúdo e a forma dessas atividades atléticas: aperfeiçoar até o limite de suas excelências, até o limite de uma relação *consciente e voluntária* do homem com essas ações: porque essas ações estavam orientadas (*motivadas*) pela possibilidade de performance da *virtuosidade*.

“[...] o domínio da própria ação corporal significa a transformação da ação corporal em uma *meta final*: a finalidade é realizar a ação corporal como uma ação

perfeita.” (NASCIMENTO, 2014, p. 120, grifo do autor). Saltar, por exemplo, deveria ser conscientemente dominado pelos atletas gregos tanto em suas metas específicas quanto em suas técnicas para atingir tais metas.

Deviam-se ressaltar nelas os fins e os meios (as “metas” e as “técnicas”) possíveis e necessários de serem atingidos pelos atletas, de modo a tornar os atletas e as próprias práticas, formas de manifestação de uma determinada excelência humana e, assim, um particular meio para se atingir a virtuosidade. (NASCIMENTO, 2014, p. 121, grifo do autor).

Vejamos como os embriões do *Salto* estavam presentes no salto em distância da era antiga. Existia uma relação de meta geral, pois os saltadores projetavam uma meta de saltar o mais longe possível. O sujeito projetava conscientemente, a partir das condições objetivas postas naquele período, com a finalidade de homenagear os deuses, a tarefa de saltar o mais longe possível, transformando esta meta geral do participante em uma *meta concreta*. Concreta, pois nessa meta já se expressavam as ações pelas quais o participante a realizaria (técnicas) e a motivação de saltar a uma distância “x” pré-estabelecida na consciência dele. Para realizar essa meta, era necessário dominar uma técnica, uma técnica que expressava uma corrida, na etapa de preparação, um impulso com halteres, um momento de voo e uma queda na areia. Embora consistisse em uma marca externa que, de acordo com Nascimento (2014), se incorporasse ao produto final, essa marca era algo secundário, pois sua finalidade era o rito de homenagem aos deuses.

A presença da música é uma característica que parecia pertencer ao ritual religioso, não se sabe ao certo a função da música, se o salto deveria estar sincronizado com ela ou não, mas muitas figuras foram pintadas nos jarros com tocadores de flauta ao fundo, sugerindo que a música fazia parte do rito religioso no qual uma das ações era a disputa de saltar o mais distante possível. A imagem a seguir (Figura 1) ilustra um desses momentos.

FIGURA 1 – Pintura da representação do salto em distância na era antiga



Fonte: Portal do Professor¹⁷

Percebemos o quanto é diferente o salto antigo do salto da atualidade. Mesmo carregando certa estrutura embrionária, sua finalidade consistia em outra atividade, pois sua atividade religiosa carregava um motivo distinto da atividade de Salto. Entretanto, notamos que as etapas de desenvolvimento – preparação, impulso, voo e queda do Salto –, assim como a relação da meta geral de saltar o mais longe possível e a técnica estavam presentes.

Com o avanço do império romano, os jogos olímpicos gregos foram gradativamente substituídos por espetáculos nos quais se destacavam a luta e o embate bélico, deixando de ser um rito religioso. Além dessa mudança, o quadro religioso predominante deixou de ser politeísta, o que influenciou a sociedade do início da era cristã a diminuir seu apreço por tudo o que dizia respeito à antiga cultura politeísta; assim, como os jogos eram uma atividade religiosa com a finalidade de cultuar os deuses, os jogos olímpicos tiveram seu fim oficial em 393 d.C. (MATTHIESEN, 2018). Seu retorno com novas finalidades e configurações ocorreu no final do século XIX.

Segundo Colombo (2014), o esporte surgiu na Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX por uma necessidade decorrente do processo de decadência dos chamados jogos populares, quando o movimento de urbanização e industrialização

¹⁷ <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=18874> (Acesso em: 12 ago. 2021)

passou a ditar um novo padrão de vida. Os jogos populares não mais supriam as necessidades da sociedade inglesa.

Nessa nova forma, a atividade esportiva atendeu, então, aos interesses da classe dominante, que passa aos poucos a controlar o modo de produção capitalista, a se constituir a partir dela e a se consolidar.

A gênese do esporte [...] está na transformação de práticas corporais cujo desenvolvimento vai abrangendo outros elementos que só existem na nova sociedade capitalista. [...] A sociedade capitalista está pautada pela universalização da troca de mercadorias sobre a relação de propriedade privada mediada por um representante de quantum de valor, dinheiro. Nesse sentido, a circulação e a valorização do valor das mercadorias penetram no sistema esportivo a ponto de ganhar relativa autonomia pelas garras afiadas do modo de produção vigente. (MILIOLI, 2018, p. 110).

O esporte acabou se tornando uma atividade que expressa a necessidade de vender sua mercadoria na relação com o espetáculo, que desenvolve a relação de espectador não apenas no sentido de observador, mas no sentido de elemento constituinte do espetáculo. Na unidade entre produzir e observar.

A mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia. Não importa a maneira como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência, objeto de consumo, ou indiretamente, como meio de produção. (MARX, 2016, p. 57).

A atividade esportiva permitiu as máximas condições para que as manifestações pudessem se desenvolver. No caso do atletismo, o desenvolvimento da técnica, principalmente no Salto em altura, que ganhou mais destaque, possibilitou o desenvolvimento de uma meta concreta para o desenvolvimento de uma marca¹⁸.

De acordo com Colombo (2014), a presença da ciência entra como auxiliar para a concretização de uma das características centrais do esporte: a maximização do rendimento. Está voltada ao aumento da eficácia das ações das manifestações esportivas. As conquistas científicas proporcionaram o aperfeiçoamento das condições, técnicas e das tecnologias necessárias para o atendimento à lógica

¹⁸ Apresentaremos com maior propriedade o desenvolvimento da técnica do Salto em altura no próximo tópico.

capitalista. Conforme as forças produtivas se constituíam e se tornavam mais complexas e o sistema capitalista se consolidava, o esporte também foi se desenvolvendo e, além disso, ampliando seu campo de atuação e de abrangência.

Com o avanço da ciência e sua utilização como força de trabalho, o Salto pôde se desenvolver em suas máximas potencialidades, suas técnicas ganharam cada vez mais desempenho para atingir uma marca ainda maior. A atividade de Salto, no que hoje corresponde a uma prova específica do atletismo, carrega a estrutura do domínio técnico mais evoluído que a ciência pôde apresentar até o momento, em que o participante da prova projeta uma meta geral de saltar o mais alto ou o mais longe possível e produz uma marca externa de um quantum de Salto (resultado da unidade entre o domínio técnico e a meta).

O motivo e a necessidade do esporte são diferentes dos jogos antigos. Embora na antiguidade carregassem embriões significativos para descobrir os elementos essenciais do salto, percebemos que a manifestação citada da era antiga tinha como necessidade, motivo e finalidade uma atividade religiosa que se expressava de forma distinta da atividade do atletismo. O processo de desenvolvimento do salto em distância com um único impulso, na Grécia antiga, carregava, ainda de forma primitiva, os elementos de meta e composição técnica, expressos nas etapas de *preparação, impulsão, voo e queda*.

Com esse fim atrelado às práticas corporais através da mediação do Esporte, o *domínio da própria ação corporal* pôde emergir efetivamente como um *objeto* da atividade humana em nossa sociedade. O homem passou a *criar* novos *conteúdos* e *formas* que permitissem com que o *domínio da própria ação corporal* emergisse e se desenvolvesse com um fim em si mesmo. Demonstrar o domínio da própria ação corporal na relação com as práticas corporais é um meio de demonstrar a conquista do homem sobre si mesmo: suas capacidades e potencialidades para dominar *consciente* e *voluntariamente* suas ações corporais. Mais uma vez, as atividades corporais *mostram-se* como uma atividade em processo de humanização. (NASCIMENTO, 2014, p. 126, grifo do autor).

O Salto expressa ações e operações para vencer a gravidade com o impulso do corpo de forma horizontal ou vertical, com uma meta concreta (unidade entre a meta geral e os meios técnicos de um quantum em relação ao resultado a ser alcançado). Isso se expressa nas etapas de desenvolvimento: preparação, impulsão, voo e queda, de forma consciente, em atividade, formando uma *marca externa*. Essa marca representa o resultado da unidade entre a meta concreta e os meios técnicos.

Nesse sentido, carregada de motivos, finalidades, necessidades, tarefas, ações e operações (LEONTIEV, 2021), às quais o sujeito deve subordinar-se de maneira a dominar a própria ação corporal.

No próximo tópico, buscaremos apresentar o desenvolvimento histórico das técnicas do Salto em altura e do Salto em distância, com o intuito de identificar um de seus conteúdos, a *técnica*.

3.1 O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO SALTO EM ALTURA E DO SALTO EM DISTÂNCIA

No tópico anterior buscamos objetivar o processo histórico do salto e como ele se expressou na atividade cotidiana, religiosa e esportiva. Embora consideremos que os embriões do Salto contemporâneo estejam no salto da Grécia antiga, que expressava minimamente as *metas* e os *meios técnicos*, neste tópico analisaremos o Salto na modernidade para nele encontrarmos sua relação essencial.

Não obstante o objetivo imediato de Salto seja “vencer a ação da gravidade com o impulso do corpo, verticalmente ou horizontalmente” (NASCIMENTO, 2014, p. 55), ele por si só não tem significado para a atividade humana. Necessita ter um motivo que levará a uma finalidade carregada de sentido e significado (LEONTIEV, n/s). Para a realização dessa atividade, necessita-se analisar os meios disponíveis a fim de se conseguir atingir esse objetivo.

As aquisições dos Saltos de uma determinada tarefa posta ao homem, seja para saltar o mais alto ou o mais longe possível (meta geral), constituem-se a relação de domínio da própria ação corporal. As ações são, por sua própria natureza, conscientes e voluntárias. “As ações de destreza corporal nascem como um meio do homem dominar as suas relações com a natureza durante o processo de produção e reprodução das suas condições de vida.” (NASCIMENTO, 2014, p. 112).

A criação de objetos significativos permite descobrir os meios necessários para reproduzir intencionalmente tal produto: os instrumentos necessários para moldar determinado objeto, utilizando-os como meio técnico. Ao transformar a natureza, o homem beneficia todo o seu corpo, como as pernas, por exemplo, para saltar. A esse respeito, Nascimento (2014, p.112, grifo do autor) nos apresenta uma reflexão:

Dominar uma ação corporal significava, portanto, dominar uma *ação humana*: dominar uma situação que apresentava um determinado *fim* a ser atingido, um problema a ser resolvido e determinados *meios* possíveis para se agir em tal situação. Uma ação corporal “habilidosa” nasce do conjunto da prática social que coloca para o homem a necessidade de utilizar-se de seu corpo como um “*instrumento*” para produzir os objetos que permitiram satisfazer suas necessidades produtivas. Por isso, apresenta-se a necessidade de *dominar* conscientemente esse “instrumento” representado por suas próprias ações corporais.

Os meios técnicos que são apropriados pelos sujeitos e direcionados às suas metas gerais sintetizam um modo de ação operacional que se mostrou eficiente para uma determinada tarefa e, assim, objetivam em si a história de uma determinada atividade humana (NASCIMENTO, 2014) que, por essa razão, precisa ser apropriada pelas novas gerações. Mas o que das técnicas do Salto precisa ser ensinado? Existe uma relação essencial da técnica do Salto? As técnicas são sempre produto de uma atividade particular. Nessa perspectiva, por exemplo, a técnica para o Salto em altura é uma técnica específica dessa ação; para o Salto em distância haverá outra técnica específica, ainda que expresse as mesmas etapas de desenvolvimento.

Segundo Nascimento (2014), o conjunto de técnicas elaboradas pela humanidade na esfera das ações deve ser igualmente apropriado pelos sujeitos, assim como a apropriação dos objetivos. E do mesmo modo que o sujeito deve estar para as metas existentes em uma dada tarefa a fim de produzir a sua meta, deve testar os meios técnicos existentes para produzir as técnicas. Se a atividade na qual se insere não exige dele mais do que técnicas simples, suas metas não se alterarão e, provavelmente, não terá necessidade de se apropriar de técnicas mais elaboradas. Não terá necessidade de dominar a ação corporal em níveis técnicos cada vez maiores.

Os Saltos expressam, em sua realização, etapas (preparação, impulso, voo e queda). Cada uma delas exige uma posição mais adequada do corpo, materializada em uma determinada forma corporal. A forma corporal representa o elemento central para alcançar o produto da atividade, a marca.

As marcas surgem nessa atividade em virtude de sua estrutura: os resultados das ações dos sujeitos em direção à meta geral podem ser visualizados a partir da distância ou altura que o sujeito pode ou não ultrapassar. Ao mesmo tempo, as técnicas podem e devem ser igualmente avaliadas nas suas relações com os

resultados alcançados ou não com elas. E a possibilidade de realizar diferentes tentativas para atingir a meta geral proposta permite engajar-se em um processo deliberado e contínuo de busca de seu próprio aprimoramento na ação em questão. Por isso, ao longo do processo histórico, as técnicas do Salto em altura e Salto em distância puderam se desenvolver. Essas condições permitem que a marca produzida na atividade oriente a alcançar novos níveis de desafios para si (NASCIMENTO, 2014).

Vejamos como se desenvolveu o processo histórico das técnicas do Salto em altura e do Salto em distância. Primeiramente, iniciaremos a exposição com o Salto em altura, uma vez que foi a manifestação que mais teve mudanças (formas corporais) significativas de sua técnica ao longo da história. Em seguida apresentaremos o Salto em distância.

3.1.1 O Salto em altura

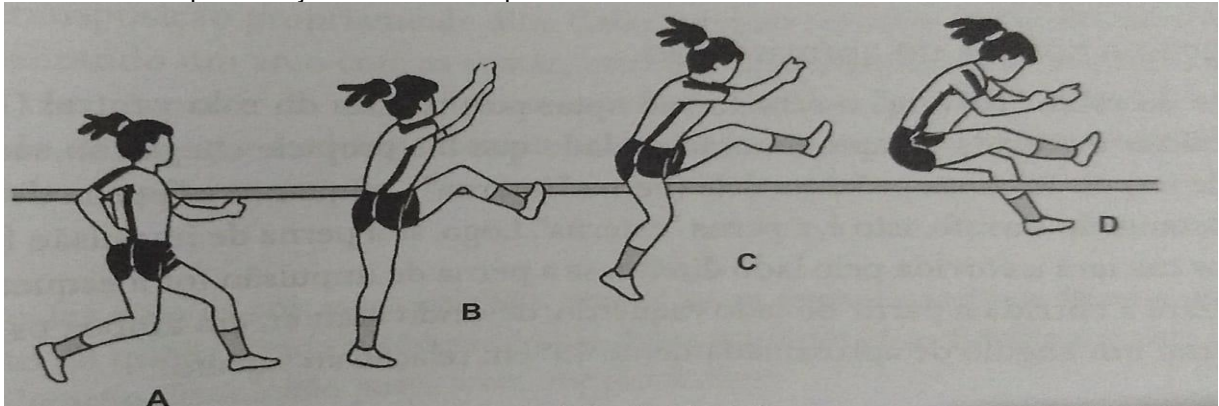
O Salto em altura é um dos Saltos verticais que tem como meta saltar o mais alto possível dentro daquilo que as regras permitem. O participante iniciará o Salto tendo que ultrapassar uma altura pré-estabelecida pelas regras e, conforme vai vencendo a altura, constrói uma marca melhor. Para efetivar esse movimento e construir sua marca externa, é essencial o domínio técnico. As etapas de preparação, impulsão, voo e queda, como em qualquer outro Salto, carregam ações motoras que configuram uma determinada forma corporal necessária para conseguir atingir sua finalidade. No processo histórico, há quatro estilos principais que ganharam destaque na realização desse Salto: tesoura, rolamento californiano, rolo ventral e fosbury flop¹⁹.

Nas olimpíadas de Atenas, em 1896, a técnica do Salto em altura expressava uma forma corporal na qual o movimento das pernas aparentava ser uma “tesoura” (Figura 2). O participante saía em velocidade, em linha reta para a fasquia, e, na penúltima passada, seu centro de gravidade deveria estar baixo, moderadamente, o tronco ligeiramente atrasado e os braços alternados; em seguida, o sujeito realizava o impulso. O pé de impulsão deveria estar voltado para o colchão em um *ângulo* de

¹⁹ Vale levar em consideração que o desenvolvimento técnico desses Saltos possivelmente se expressou pelo treinamento e profissionalismo dos atletas, ao longo do processo histórico, na relação do conjunto de regras com as condições objetivas.

45° e a perna ligeiramente fletida. O pé da perna de impulso realizava um movimento rápido e ativo, e a perna livre era chutada para cima em direção à fasquia. Realizava o impulso com uma das pernas e projetava seu tronco em 180°, ultrapassando a fasquia de costas e caindo sobre areia. Esse Salto pôde contribuir para uma marca de até 1 metro e 90 centímetros.

FIGURA 2 – Representação da fase de impulsão e voo do Salto tesoura



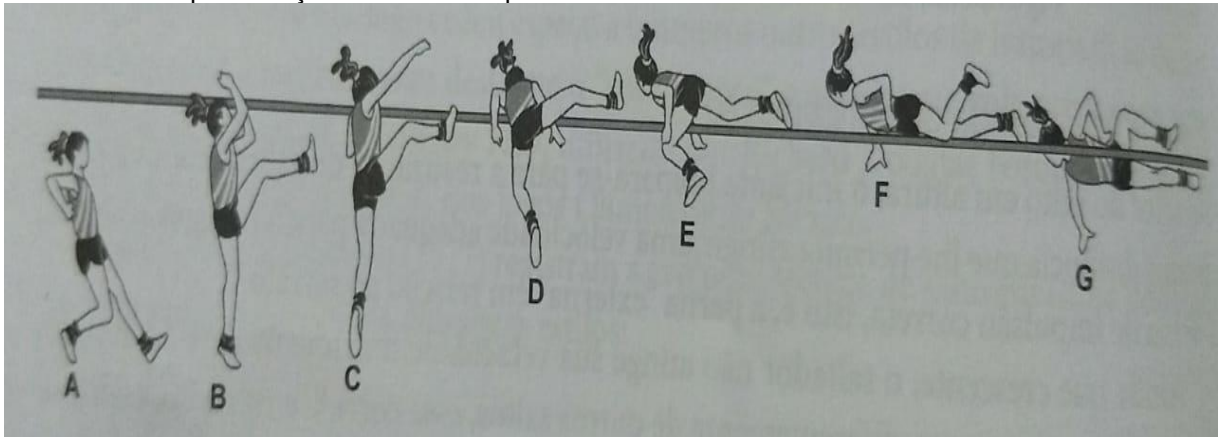
Fonte: Matthiesen (2018, p. 117).

Em 1912, na capital da Suécia, em uma altitude de 28 metros em relação ao nível do mar, a marca dos 2 metros de altura foi atingida, tornando-se um marco histórico. Para conseguir essa marca, foi utilizada a técnica do Salto rolamento californiano, que estava em desenvolvimento desde 1904. Durante a corrida, o participante saía em velocidade, em linha reta, e depois realizava uma curva fechada; em seguida, usava a perna interna como impulso, esticava as duas pernas de lado, jogando o corpo todo de lado por cima da fasquia, e realizava a queda na areia. Nessa fase, a área de queda passou por uma pequena mudança: as condições da areia foram tornadas mais “fofas”, o que permitia que os participantes se sujeitassem a uma queda menos dolorida.

Em 1936, a técnica do rolo ventral foi apresentada para o mundo, com a obtenção da marca de 2,07m. Mas só em 1956, na Austrália, com 31 metros de altitude, nos jogos Olímpicos de Melbourne, a técnica do rolo ventral se desenvolveu em sua máxima potencialidade. Um dos indicativos que possivelmente podemos apontar como a razão pela qual essa técnica não pôde se desenvolver com maior propriedade anteriormente é que o mundo se encontrava em conflito devido à Segunda Guerra Mundial, o que limitava a realização de eventos competitivos de grande porte.

Na técnica do rolo ventral (Figura 3), inicialmente o participante realiza uma corrida de forma diagonal em referência à fasquia e, enquanto sua perna de chute está mais distante da fasquia, isto é, a perna externa – logo se a perna de impulsão era a direita, o saltador iniciava a corrida pelo lado direito; se a perna de impulsão fosse a esquerda, o saltador realizava a corrida a partir do lado esquerdo – devendo manter uma corrida com um ângulo de aproximadamente 45°. Na etapa do impulso, era desenvolvido um ângulo e posteriormente uma posição do corpo em que havia uma flexão e extensão rápida da perna de impulsão (interna), ao mesmo tempo que a perna de chute, que se encontrava atrasada, era lançada juntamente com os braços para cima, no prolongamento do corpo, que mantinha a posição de decúbito ventral a partir de um giro no eixo longitudinal do corpo em relação à fasquia em que o rosto era virado para o chão, podendo ter uma queda significativa sobre a areia. Essa técnica possibilitou a produção da marca de 2,16 metros.

FIGURA 3 – Representação da fase de impulsão e voo do Salto rolo ventral



Fonte: Matthiesen (2018, p.118).

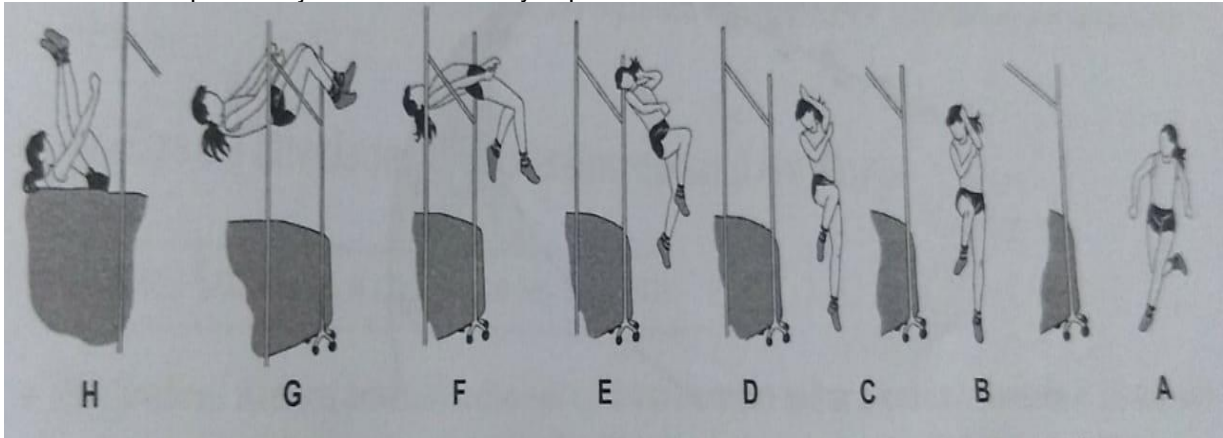
Em 1968, na olimpíada da cidade do México, que está a uma altitude de 2420 metros acima do nível do mar, cujo ar rarefeito oferece menos resistência aos Saltos, implementou-se uma pequena modificação nas condições da área de Salto que possibilitou uma significativa mudança na técnica do Salto, isto é, a área de queda passou a ser constituída por colchões de espuma. Essa condição possibilitou a técnica denominada com o nome do atleta que a apresentou nos jogos, fosbury flop (Figura 4), que venceu a prova com a marca de 2,24 metros. Uma vez que na fase de voo o sujeito ficaria de costas para a fasquia, o amortecimento da queda acabou se tornando uma condição que trouxe menos risco ao participante, e o Salto pôde se desenvolver com maior propriedade.

Na primeira etapa, em que apresenta a *preparação* – que expressa o momento de reflexão das ações que serão realizadas nas etapas do Salto –, o participante gera uma técnica de corrida desenvolvendo uma velocidade. A primeira parte da corrida é quase em linha reta, e a segunda parte da corrida, muito próxima da fasquia, é em curva. Atualmente a corrida ocorre em formato de um “J”. Nas primeiras passadas, o apoio é feito pela planta do pé, projetando seu centro de gravidade para baixo moderadamente; na penúltima passada, o tronco está atrasado. Na corrida final, o tronco está inclinado para a parte interna, aproveitando a inércia, garantindo uma força maior para conseguir um impulso mais forte (MATTHIESEN, 2018).

No segundo momento, que consiste na etapa de *impulsão*, o sujeito desenvolve um tronco atrasado, os braços atrás do corpo, o pé de impulsão voltado para o colchão em um ângulo de 45° e a perna ligeiramente fletida, o ombro do lado contrário à perna de impulsão à frente, voltado para a fasquia. O pé da perna de impulso faz um movimento rápido e ativo, a perna livre é chutada para cima e para fora, e os braços lançados para cima em direção à fasquia (MATTHIESEN, 2018).

Durante a etapa de voo, o participante realiza uma posição do corpo em que fica de costas para a fasquia, o quadril projetado para cima formando um arco, enquanto baixa as pernas e a cabeça. O participante afasta e flete as pernas para obter um bom arco com o corpo. Ele permanece nessa posição até o quadril passar a fasquia. Na etapa final, desfaz o arco e lança as pernas para cima, caindo de costas no colchão.

FIGURA 4 – Representação do Salto forbury flop



Fonte: Matthiesen (2018, p. 119).

Percebemos uma evolução gradativa das formas corporais, de cada posição do corpo e das técnicas do Salto em altura ao longo da história, mas qual seriam as condições para que isso acontecesse? Um dos indicativos que podemos perceber é que as altas altitudes dos países onde foram realizados os Saltos podem favorecer o desenvolvimento do Salto. As marcas mundiais do Salto em altura foram desenvolvidas em países com altas altitudes. Além do México, a casa que contempla a maior marca do Salto em altura foi Salamanca, na Espanha (atleta Sotomayor – marca 2,45), país que contempla uma altitude de aproximadamente 802 metros. Mas a altitude do país é o único fator que contribui para o desenvolvimento do Salto? É claro que não. O domínio técnico, articulado com os meios internos das metas concretas (unidade entre a meta geral e os elementos técnicos), fatores principais da atividade do Salto, fazem com que o Salto se desenvolva em suas máximas potencialidades. Podemos perceber que as regras e as condições objetivas contribuíram para o desenvolvimento do Salto em altura. Segundo Bernardo (2020), a regra expressa um elemento de mediação da relação do ser humano com a natureza e com outros seres humanos.

De acordo com Leontiev (n/s), as condições e os meios se expressam na relação do trabalho coletivo. Além das regras, as condições objetivas de ter sido trocada a área de queda da qual a areia fazia parte do Salto em altura, no primeiro contexto, por uma areia mais “fofa” e, por fim, por um colchão, possibilitava o pensar as etapas de preparação, impulso e voo em outras formas corporais. Podemos observar que a etapa de queda do Salto em altura não necessita de uma técnica tão

significativa. Porém, ao analisar que ao passar pela fasquia a ação desenvolvida é a queda no colchão, podemos inferir que, devido à mudança das condições da área de queda, as outras etapas de preparação, impulso e voo se complexificaram ao longo da história.

Em todas as técnicas apresentadas nas quais o participante realiza a impulsão com sua perna principal (principal no sentido de adquirir mais força), se o participante utilizar a técnica do fosbury flop e realizar o impulso com a perna esquerda, sua corrida será desenvolvida do lado direito perante a fasquia, porque nessa técnica o impulso é realizado com a perna externa, assim como na técnica em tesoura; se a perna principal do participante for a direita, sua corrida será desenvolvida pelo lado esquerdo em relação à fasquia, diferente da técnica do rolo ventral, em que é realizado o impulso com a perna interna perante a fasquia. Neste caso, se o sujeito realiza a corrida pelo lado direito, sua perna de impulsão será a direita, e se sua perna principal for a esquerda, sua corrida será pelo lado esquerdo. Vejamos, agora, como isso correu em relação ao Salto em distância.

3.1.2 O Salto em distância

O Salto em distância não foi uma manifestação que teve o seu desenvolvimento técnico tão significativo quanto o Salto em altura, mas isso não significa que não teve sua complexidade. O Salto é caracterizado por ter uma técnica e uma meta de saltar o mais longe possível, desenvolvida nas etapas de preparação, impulso, voo e queda, porém na história a etapa voo se diferencia, podendo ser desenvolvida realizando distintas formas corporais: grupado, arco e pedalada no ar. Diferente do Salto em altura, a etapa de queda no Salto em distância exige a promoção de uma técnica específica, que contribui para a formação da marca.

Nas primeiras edições dos jogos olímpicos da era moderna, o Salto em distância era disputado sem a realização da corrida da fase preparatória. “A regra dessa prova estabelecia que o impulso devia ser tomado a partir de uma posição estacionária, ou seja, sem que houvesse a corrida.” (MATTHIESEN; FREITAS, 2017, p. 14). O participante realizava um impulso, em seguida projetava os braços para frente e para trás formando um “arco”, e se encaminhava para a aterrissagem com os dois pés na área. A mudança da regra fez com que o desenvolvimento do Salto em

distância formasse técnicas qualitativas para construção da marca, assim como foi no Salto em altura.

Na forma inicial de voo “grupado”, a partir da possibilidade de realizar a corrida, o sujeito chega à tábua de impulso com uma força que consegue vencer a gravidade, realiza uma extensão dos membros inferiores e superiores, procura aproximar as mãos dos pés de modo a atingir a maior distância possível (MATTHIESEN, 2018).

A tábua de impulsão, como consequência dessa relação, acabou se tornando a unidade de referência da marca e a realização da etapa de preparação/impulso. Uma referência visual para estabelecer o trajeto da corrida de modo a obter o melhor aproveitamento da força inercial da corrida. Por essa razão, a regra em que o participante não pode “queimar” na tábua de impulsão – pisar além do limite da tábua – acabou se tornando um elemento importante do Salto em distância.

Não se sabe ao certo em que ano as formas corporais de voo grupado e arco se desenvolveram. Mas, no decorrer da década de 1920, a técnica da “passada no ar”, que ficaria conhecida mundialmente e utilizada até os dias atuais, ajudou a desenvolver o Salto em distância.

Na atualidade, o Salto em distância é praticado competitivamente com o seguinte desenvolvimento: no primeiro momento, o participante corre em uma velocidade máxima progressiva de forma horizontal, podendo ser uma corrida com distância de 40 a 45m, chegando em velocidade máxima à tábua de impulsão. Sua penúltima passada deverá ser mais alongada, enquanto a última deverá ser menor a fim de que o participante toque a tábua de impulsão com o tronco o mais vertical possível, para que sua velocidade horizontal não sofra perda significativa, em virtude da aplicação de força vertical para projetar o corpo para cima e da frenagem que haverá em consequência do contato da parte posterior do pé ao solo. Em seguida, a partir da velocidade, o participante faz a impulsão com sua perna mais forte sobre a tábua de impulsão, sendo um indicativo de potência da inércia e de alcance máximo do corpo para a etapa de voo. Para que o Salto tenha uma máxima projeção horizontal, o participante desloca seu centro de gravidade a um ângulo de 18° a 27° graus em relação ao solo (MATTHIESEN, 2018). A posição do tronco deve estar em forma vertical, pois nesse momento a contração dos músculos se mantém constantemente em ação durante a corrida, assim deve ser contrabalanceada pela

ação dos músculos extensores de tronco, para que haja uma maior estabilidade da coluna vertebral. Com esta estabilização e consequente desaceleração ao deslocamento horizontal, o participante pode coordenar uma passada final de menor tamanho, aplicando força através do calcanhar do pé de impulsão ao solo, resultando em uma aceleração vertical positiva, ou seja, gerando uma velocidade vertical (OLIVEIRA, 2015).

Segundo Oliveira (2015), durante a etapa do impulso o participante projeta o joelho em flexão com a perna de apoio, pois é nesse momento que o pé tocará o local de impulsão com o calcanhar, ocasionando uma frenagem na velocidade horizontal, para aplicação de um novo vetor de força aplicado para baixo, o que irá iniciar o deslocamento do centro da massa em um movimento parabólico. O ângulo da articulação do joelho em relação à perna de impulsão, nesse momento, é um indicador da operação do participante para transferência de energia cinética da corrida para o Salto. Quanto maior for a angulação da perna estendida a 180°, maior será a eficácia no movimento em relação à marca a ser obtida.

Durante a etapa do voo, o participante permanece o maior tempo possível no ar e define qual a técnica da posição do corpo; obviamente esta definição já foi internalizada para o sujeito antes de iniciar o Salto. Matthiesen (2018, p. 98) descreve as três possibilidades (Figura 5):

A forma mais usada por iniciantes é o “grupado”, já que é bastante simples e praticada sem grandes dificuldades a partir de movimentos básicos e decorrentes do próprio salto. [...]. A técnica do arco desenvolvida, sobretudo após a elevação, provoca o atraso da perna posterior e dos braços e, conseqüentemente, o adiantamento do quadril, provocando um nítido movimento de arqueamento do corpo. [...] a utilização do estilo passada no ar ou *hitch kick* a fase de flutuação. A partir de um movimento de alternância entre pernas e braços após a impulsão, o saltador realiza uma passada e meia no ar.

E por fim, na etapa de queda, independentemente do estilo da posição do corpo empregado e com base nas orientações das regras que enfatizam a necessidade de medição a partir da marca da areia mais próxima à linha de impulsão, o saltador procura prolongar a etapa de voo projetando seu corpo o mais à frente possível. Vale ressaltar que esse momento do Salto é comum a qualquer um dos estilos técnicos em que se observa a projeção das pernas e braços à frente, acompanhados pelo tronco e quadril, prolongando a etapa de voo, até que ocorra o

contato dos calcanhares com o solo (MATTHIESEN, 2018). A técnica que expressa a etapa de queda se desenvolve com o contato dos calcanhares no solo e a projeção do corpo para o lado a fim de deslocar o tronco a frente, mantendo o registro dos calcanhares na areia como o mais próximo da tábua de impulsão.

FIGURA 5 – Representação de possibilidades no Salto em distância



Fonte: Slideplayer²⁰

No Salto em distância, a marca externa é o resultado a partir da linha da tábua de impulsão até a primeira marca em relação à tabua deixada pelo participante na areia. Percebemos que as técnicas se complexificaram ao longo do processo histórico a partir das regras e das condições objetivas. Infelizmente não localizamos muitos estudos que contribuíssem para nossa análise do processo histórico das técnicas do Salto em distância. Mas consideramos manter a temática em aberto para que se ampliem as reflexões sobre o Salto em distância e sua gênese.

Podemos perceber que tivemos, ao longo do processo histórico, uma evolução da técnica do Salto. Por mais que as marcas, no seu imediato (avaliação quantitativa da marca), não nos mostrem grandes números, pois no atletismo a

²⁰ <https://slideplayer.com.br/slide/11115336/> Acesso em: 5 de fev. de 2021.

evolução acontece nas casas dos milímetros, a dificuldade de ganhar preciosos centímetros corresponde à complexidade do Salto.

Neste capítulo buscamos apresentar o processo histórico do Salto e identificar seu processo de desenvolvimento, identificando as condições e os motivos que impulsionaram sua complexidade, além de apontar, de forma inicial, os elementos que compõem a atividade de Salto. No próximo capítulo apresentaremos o conteúdo teórico da atividade de Salto, expondo os elementos de meta, técnica e marca, objetivando um esquema teórico do Salto.

4. CONTEÚDO TEÓRICO DA ATIVIDADE DE SALTO DO ATLETISMO

No capítulo anterior nossa investigação orientou-se pela necessidade de explicitar o processo histórico e o desenvolvimento da atividade do Salto, buscando compreender sua formação histórico-cultural. Nesse processo, identificamos que o salto em distância da Grécia antiga apresentava, em sua estrutura, elementos embrionários do Salto, mesmo se expressando no contexto de outra atividade. Vimos também que a técnica do Salto se expressou a partir das condições objetivas e suas regras.

Partimos do pressuposto que no âmbito escolar os estudantes devem ter acesso aos conceitos de conteúdo teórico, que têm, em sua estrutura, a gênese e o desenvolvimento dos objetos. O conteúdo do pensamento teórico é a existência mediatizada, refletida em signos e símbolos, das relações essenciais do objeto em estudo. O pensamento teórico é o processo de idealização de um dos aspectos da atividade objetual-prática, a reprodução das formas universais das coisas. A base de todo conhecimento humano é a atividade objetual-prática, produtiva. O pensamento do ser humano representa o funcionamento da atividade historicamente formada da sociedade, atividade da qual ele tem se apropriado.

O conceito aparece aqui como a forma de atividade mental por meio da qual o objeto idealizado e o sistema de suas relações são reproduzidos, que em sua unidade refletem a universalidade ou essência do movimento do objeto material. O conceito atua simultaneamente como uma forma de reflexão do objeto material e como meio de sua reprodução mental, de sua estruturação, isto é, como uma ação mental especial. (DAVIDOV, 1988, p. 126).²¹

Nesse aspecto, “O conhecimento teórico, ao se constituir como o conteúdo da atividade de estudo é, ao mesmo tempo, a sua necessidade.” (DAVIDOV, 2019, p. 220). Nesse sentido, no processo de formação da necessidade da atividade de estudo, os alunos são motivados a realizar ações de estudo. “Os motivos das ações de estudo incentivam os alunos a assimilar os modos de reprodução dos conhecimentos teóricos.” (DAVIDOV, 2019, p. 220). Isso significa que:

²¹ “El concepto aparece aquí como la forma de actividad mental por medio de la cual se reproduce el objeto idealizado y el sistema de sus relaciones, que en su unidad reflejan la universalidad o la esencia del movimiento del objeto material. El concepto actúa, simultáneamente, como forma de reflejo del objeto material y como medio de su reproducción mental, de su estructuración, es decir, como acción mental especial.”

Ao realizar ações de estudo, os alunos dominam, em primeiro lugar, os modos de reprodução dos conceitos, imagens, valores e normas e, por meio desses modos, assimilam também o conteúdo dos conhecimentos teóricos. Assim, a necessidade da Atividade de Estudo induz os alunos a assimilar o conhecimento teórico. Os motivos, por sua vez, servem para assimilar os modos de reprodução por meio de ações de estudo voltadas para a resolução da tarefa de estudo. (DAVIDOV, 2019, p. 220).

Partimos também, apoiando-nos em Nascimento (2014), do pressuposto que o objeto de estudo da Educação Física possui como centralidade o conteúdo teórico da cultura corporal, expresso em três objetivações: *criação de uma imagem artística com as ações corporais, controle das ações corporais do outro e domínio da própria ação corporal*.

Diante do nosso objetivo de pesquisa, apresentamos o Salto na condição de atividade que contempla a estrutura do *domínio da própria ação corporal* que realiza uma posição mais adequada do corpo que se materializa em uma determinada forma corporal tendo em vista a obtenção de uma marca. No caso do objeto em estudo, a forma corporal se constitui em cada uma das etapas – preparação, impulso, voo e queda –, expondo os conceitos de metas possíveis em relação aos meios técnicos do *Salto em altura* e do *Salto em distância* no seu estágio mais desenvolvido.

O Salto se caracteriza por um grau significativo de complexidade, elevando o próprio corpo contra a gravidade e levando-o a certa distância de forma horizontal ou vertical (em altura), em que é necessário não só uma importante força muscular, mas também uma coordenação dos movimentos técnicos (ZAPOROZHETS, 1987).

Antes de adentrarmos na discussão do conceito de Salto, consideramos importante esclarecer alguns de seus elementos essenciais. Por exemplo, o que é um quantum de Salto. O Salto tem por objetivo produzir uma marca externa relacionada a uma meta geral de saltar o mais alto ou o mais longe possível. Um dos seus elementos são os registros desses Saltos, seja por instrumentos de fita métrica (*Salto em distância*), seja demarcados previamente pela barra (fasquia) com suporte de medição (*Salto em altura*), centrais para analisar os resultados de cada participante. Por essa razão, os registros das marcas puderam e podem ser analisados ao longo do processo histórico.

No caso do Salto em altura, essa relação está sempre associada à meta de vencer uma marca pré-estabelecida. O sujeito, ao vencer a marca pré-estabelecida

(de vencer uma marca “X” representada pela passagem sobre a fasquia), pode progredir estabelecendo nova marca possível (nova altura), a “marca *externa* (no caso, a distância ou altura alcançada pelo salto)” (NASCIMENTO, 2014, p. 238), formando uma marca concreta. A marca concreta já expressa os meios técnicos em relação à meta geral de vencer uma marca pré-estabelecida.

A marca nesse caso, além de representar o quantum de Salto em altura ou distância, implica a técnica utilizada para que isso ocorra (os meios), no caso do Salto em altura podendo ser o fosbury flop, tesoura ou rolo ventral. No Salto em distância, a marca se expressará pela distância entre a linha da tábua de impulsão e o ponto mais próximo desta da queda do participante na areia.

A assimilação das regras é outro elemento importante para desenvolver uma meta possível e dominar as técnicas. A partir delas o participante saberá suas limitações, as operações possíveis, a organização das tarefas e sistematizar suas ações para vencer a gravidade. De acordo com Bernardo (2020), as regras são produções histórico-culturais desenvolvidas no processo de atuação do ser social, é pela atividade que as normas e as organizações das regras orientam as relações sociais.

Todo indivíduo, ao se desenvolver em sociedade, atua, soluciona tarefas submetido à organização que as normas da vida social impõem ao homem. Entretanto, ressaltamos que tal movimento não é primeiramente individual, mas sim, essencialmente coletivo. (BERNARDO, 2020, p.85).

As regras são importantes para orientar as ações do Salto. Vejamos um exemplo unicamente comparativo para explicitar as regras que orientam as ações. Uma atleta de ginástica consegue desenvolver uma ação de um salto duplo twist carpado, podendo atingir uma altura superior a 2 metros, mas, então, por que uma atleta de ginástica não participa do Salto em altura? Além de expressar condições, finalidade, motivo e objetivo diferente do Salto em altura, as ações realizadas pela ginasta para conseguir fazer o salto duplo twist carpado não seriam permitidas pelas regras do Salto em altura. Em primeiro lugar, o Salto em altura não pode ser acrobático; em segundo lugar, o impulso deve ser realizado com uma das pernas. As regras da ginástica que orientam as ações são diferentes em relação ao Salto em altura. Além de expressar condições diferentes, no salto para a ginástica artística o solo é constituído por um tablado de madeira, composto de molas, espuma e

coberto, possivelmente possibilitando o desenvolvimento deste salto duplo twist carpado. No Salto em altura, o piso sintético compõe todo o desenvolvimento da corrida e do impulso, e a barra e o colchão fazem parte das condições do Salto. Nesse sentido, a participante da ginástica (que realiza o salto duplo twist carpado) possivelmente não conseguiria saltar no Salto em altura os 2 metros que o duplo twist carpado permite atingir.

Nascimento (2014) argumenta que as regras expressam dois elementos importantes para o conceito de Salto. O primeiro são as ações técnicas, porque as ações e operações do Salto são determinadas pelas condições estabelecidas nas regras, no contexto da atividade; o segundo são as condições objetivas de execução das ações. No Salto em altura, por exemplo, é necessário haver um espaço apropriado para se conseguir desenvolver as fases técnicas com maior qualidade, e um colchão para amortecer a queda. Foi nesse contexto de mudança das regras e das condições objetivas, com a troca da área de queda, que ocorreu a superação da técnica do rolo ventral pela do fosbury flop, com a qual o participante não necessitaria mais ter medo de se machucar, pois a área de queda estaria provida de material que amortecesse a queda. Mas isso é apenas um indicativo, não necessariamente a evolução da técnica do rolo ventral para o fosbury flop aconteceu por causa da área de queda. Vimos, no capítulo anterior, que há um conjunto de condições para que isso ocorresse, condições de altitude, meios técnicos, metas.

No Salto em distância também se necessita de um espaço para realizar a técnica de corrida e de impulso. Ao mesmo tempo, é preciso um solo com areia para chegar à etapa de queda e conseguir ter o registro na área de até onde o sujeito conseguiu chegar, além de uma tábua de impulsão, a qual vai servir de referência para a contagem da marca e referência visual que orientará a corrida da etapa da preparação até a etapa do impulso.

No Salto necessita-se analisar a objetividade específica da modalidade, seja de espaço, material ou solo. As mudanças das regras mudam as operações e as ações possíveis, uma vez que elas orientam as condições. A partir delas o participante pode desenvolver suas metas. Nesse sentido, as regras são um elemento importante para orientar toda a estrutura da atividade do Salto.

[...] as regras se apresentam em duas vertentes: prescritivas e orientativas. As regras como prescrição expressam a própria lógica entre elas, e estão diretamente relacionadas aos fins. De outro modo,

a regras como orientação são direcionadas às condições do agir humano. Portanto, apontamos que as regras estão relacionadas com os fins, objetivos e condições da atividade humana. (BERNARDO, 2020, p. 91).

Após expor a necessidade desses elementos importantes do Salto, que contemplam o registro de um quantum de Salto e as regras, nosso objetivo, neste capítulo, é apresentar o conteúdo teórico da atividade de Salto. O Salto entendido aqui como atividade que expressa uma posição mais adequada do corpo, a qual se materializa em uma determinada forma corporal de preparação, impulso, voo e queda.

A produção do Salto consiste em duas fases importantes: a primeira, atuando contra a gravidade e, em seguida, deixando a gravidade agir. De acordo com Engels (2020), a atração, a gravidade, é a forma mais essencial e até a forma básica de qualquer movimento na natureza. Com o Salto não é diferente, pois ele atua com ações e operações para vencer essa gravidade, seja de forma horizontal ou vertical, para conseguir atingir uma marca superior. Nesse sentido, a concepção de força, no Salto, proposta pelas pernas, é tomada de empréstimo da atividade do organismo humano dentro de seu ambiente. Por essa razão, surgiram muitos questionamentos: por que no Salto em altura, na etapa de preparação, utiliza-se uma técnica de corrida em linha reta no primeiro momento e, ao final desta, realiza-se uma curva, cuja trajetória total forma a figura de um “J”? Quanto mais velocidade tiver no Salto em distância maior será sua força na etapa de impulsão? A técnica de “correr” seria a mesma da corrida dos 100 metros do atletismo? Em que a inércia interfere no Salto?

Segundo Newton (2020 p. 53-54), a inércia é a lei número um dos objetos. “Lei I todo o corpo continua em seu estado de repouso ou de movimento uniforme em uma linha reta, a menos que ele seja forçado a mudar aquele estado por forças imprimidas sobre ele.”

Todo participante, ao realizar um Salto horizontal ou vertical, durante a técnica de corrida necessita colocar seu corpo, que carrega um peso (massa), em movimento constante para gerar uma velocidade e projetar uma força no momento da impulsão. Logo, a aceleração deve ser constante, para que não perca em nenhum momento sua força na fase de impulso. Sua velocidade gera uma força, que é igual a sua massa vezes a aceleração ($f = m.a$). Quando o sujeito projeta a técnica

de corrida do Salto, ele terá uma velocidade no momento da preparação que resultará em uma força no momento do impulso. No momento do impulso, o participante vai gerar uma ação e uma reação. Por exemplo, quando o sujeito chega à tábua de impulsão do Salto horizontal, ele gera uma ação na tábua e concomitantemente uma reação. No momento do voo, essa força inicial se perde pela ação da gravidade. Por isso cada Salto contempla uma técnica específica durante a etapa de voo, fazendo com que projete o corpo mais tempo no ar – no caso do Salto horizontal – utilizando a pedalada no ar para poder ir mais longe; ou o fosbury flop para o Salto em altura a fim de conseguir voar mais alto. A intenção é vencer a ação da gravidade para conseguir produzir uma marca externa, aproveitando a inércia para conseguir efetivar esta finalidade. Por esse motivo, na etapa de preparação do Salto em altura, a corrida inicia em linha reta e depois faz uma curva, pois ali corre o aproveitamento da inércia. Na curva o participante consegue aproveitar a força adquirida na corrida e chegar à etapa do impulso com sua maior força, pois na curva aproveita a força adquirida na reta para, na execução da rotação corporal, continuar em direção à barra.

A etapa de *preparação* da atividade de Salto em distância consiste em uma ação de corrida que vai exigir uma posição do corpo e uma determinada forma corporal para atingir uma velocidade significativa, a qual resultará em uma força que será utilizada na etapa da impulsão.

Beier (2007) realizou experimento com 15 alunos escolares, de faixa etária de 12 a 14 anos de idade, para analisar qual a distância ideal para realizar uma *corrida* mais qualificada. Os resultados demonstraram que os participantes conseguiram uma força maior na etapa do impulso com uma corrida média de 20 metros em relação à tábua de impulsão. Nessa corrida, a velocidade do participante projeta sua maior força na tábua de impulsão, que serve como referência visual para a corrida e como referência da contagem da marca externa. Mas então, se o participante realizasse uma corrida de 10 metros, teria mais força na tábua de impulsão? De acordo com o experimento de Beier (2007), 47% dos alunos não tiveram uma marca significativa, pois em 10 metros acredita-se que os participantes não teriam distância suficiente para conseguir maior velocidade e, conseqüentemente, uma força mais significativa. Mas então, se corresse 30 metros, eles não teriam mais velocidade e mais força? Os resultados do experimento utilizando essa distância explicitaram que

100% dos escolares obtiveram melhor desempenho quando comparados com a distância de corrida de 10 metros. Porém, ao comparar os Saltos com distância de 20 metros com os de 30 metros, apenas 40% dos alunos melhoraram suas marcas, nos demais houve redução no desempenho. Acredita-se que a distância de 30 metros tenha projetado um cansaço físico maior aos escolares²², projetando uma perda de velocidade ao chegar à tábua de impulsão. Por esse motivo, como possibilidade de pensarmos em pista de Salto em distância no âmbito escolar com aproximadamente 20 e 30 metros de comprimento, seria um indicativo para se trabalhar no ambiente escolar.

Um dos componentes mais importantes do Salto em distância é a saída da tábua de impulsão. Quanto mais veloz se conseguir sair da tábua de impulsão, mais longe se consegue saltar. Durante a realização da corrida, o participante gera sua maior força no tempo de 11 centésimos de segundos, mas em qual momento ele consegue esta força? No experimento de Beier (2007), um indicativo desse problema é que os escolares poderiam desenvolver essa força com maior propriedade em uma corrida de 20 a 30 metros, potencializando as melhores marcas.

Mas, ao analisar o Salto em distância das competições de nível mundial, de alto rendimento, podemos perceber que a corrida deverá ser suficientemente longa para que o saltador alcance a velocidade ideal (sua maior velocidade), acumulando energias, sendo prevista uma distância, para atletas de alto rendimento, entre 40 e 45 metros (OLIVEIRA, 2015). Analisando o acontecimento histórico do Salto em distância do atleta Bob Beamon na Cidade do México (1968), em que estabeleceu a marca de 8,90 metros, podemos observar que não é a distância em si que projeta uma marca externa melhor, mas a velocidade até a tábua de impulsão. Beamon realizou ações de corrida em que atingiu uma velocidade de aproximadamente 35 km/h dentro da distância que as regras do Salto permitem. Normalmente, na técnica de corrida, os atletas utilizam sua penúltima passada mais alongada em relação à última passada, chegando à tábua de impulsão. Beamon realizou o contrário: projetou uma penúltima passada mais curta em relação à última passada (que foi

²² O estudo considera importante esclarecer que o experimento realizado foi desenvolvido com escolares não treinados. Ao analisar o alto rendimento, podemos perceber nas regras que nesta etapa de desenvolvimento do Salto em distância o atleta realiza a técnica de corrida desenvolvida em uma distância de 40 a 45 metros. Porém, esse estudo nos aponta um indicativo de como podemos desenvolver esta etapa em âmbito escolar.

mais longa), e chegou à tábua de impulsão com uma grande força, além do ângulo da saída da fase do impulso entre 18 e 24 graus, que ele desenvolveu, resultando na maior marca das Olimpíadas do atletismo²³ (SMITH, 1986).

A ação de saltar exige do sujeito que realize e domine algumas ações técnicas complexas que contribuem para alcançar a meta geral. Esse domínio está interligado com os meios, e, assim, com as regras e um conjunto de condições para validar a marca externa, que serão avaliadas em termos quantitativos, alcançando os resultados de produção a um quantum de altura ou distância.

Neste caso, a *meta* proposta diz respeito ao próprio modo específico de se realizar a ação corporal com o salto: diz respeito a uma determinada *forma* a ser alcançada com essa ação e essa forma mesma representa a meta, o produto a ser avaliado. A *forma* das ações corporais realizadas representa parte do resultado almejado, o que faz com que a avaliação do resultado encontre-se no *processo* e no *produto* da ação corporal realizada. Ainda que determinadas *metas externas* também devam ser alcançadas (uma determinada altura do salto, um determinado tempo em uma posição), essas metas externas estão objetivamente subordinadas à *forma* a qual as ações corporais em seu conjunto assumem ou devem assumir. Para essas ações, uma posição exata do corpo que se materializa em uma determinada *forma* corporal constitui-se no conteúdo central a ser *dominado* pelos sujeitos; constitui-se na sua meta final e principal. (NASCIMENTO, 2014, p. 228, grifo do autor).

De acordo com Nascimento (2014), a meta geral do Salto propõe ultrapassar os próprios limites corporais. Para realizar essa meta é preciso, em primeiro lugar, conhecer as próprias possibilidades de Salto, ou seja, qual a distância que consigo atingir no Salto em distância, qual a altura atual que tenho no Salto em altura. É preciso conhecer precisamente o desafio enquanto indivíduo, o que significa conhecer a sua *marca* atual (seu limite), e elaborar uma meta possível (superar esse limite). Para criar uma meta própria, o sujeito precisa assimilar os meios técnicos disponíveis ou criar técnicas possíveis para atingi-la.

No Salto, a possibilidade de expressar uma posição mais adequada do corpo que se materializa em uma determinada forma corporal de preparação, impulso, voo e queda requer uma relação entre meios técnicos e metas possíveis para a formação de uma marca. Em cada uma das etapas de desenvolvimento do Salto, ele

²³ Para nossos exemplos de marcas mundiais esportivas serão utilizados acontecimentos das Olimpíadas, pois se trata de uma condição social histórica de maior significado dentro da área do atletismo. Poderíamos ter utilizado o exemplo de Mike Powell, que obteve a marca de 8.95 metros, mas esse acontecimento ocorreu no campeonato mundial, e não nas Olimpíadas.

expressa uma posição do corpo para assumir uma determinada forma corporal articulada ao conjunto geral. Nessa relação, surge o questionamento: quais as ações corporais de uma posição do corpo se materializam em uma determinada forma corporal na preparação, impulso, voo e queda do Salto?

Primeiramente, a forma corporal constituída pelas ações resulta na produção da marca. E essas formas corporais de cada etapa serão constituídas pelas técnicas. Os meios técnicos vão estabelecer para o sujeito a melhor forma para uma posição do corpo que se materializa em uma determinada forma corporal exigida para aquela determinada meta.

Os meios técnicos vão ser os elementos para compor a forma corporal. A forma corporal representa o meio e o produto a ser alcançado (ações e operações). Veremos agora as posições mais adequadas do corpo para formar a forma corporal de cada Salto. Utilizaremos os exemplos já citados no capítulo anterior dos Saltos que carregam uma complexidade maior: fosbury flop e pedalada no ar.

Na etapa de preparação dos Saltos, a forma corporal da corrida corresponde a uma técnica que possibilita uma condição para a melhor posição do corpo. A forma corporal de correr para o Salto desenvolve uma potência de aproveitamento da inércia, por meio da qual projeta essa força para vencer a gravidade com o impulso do corpo, diferente do correr para as corridas de meio-fundo de 800 metros ou 1500 metros, em que projeta a potência para vencer uma longa distância em menos tempo.

Além da técnica da corrida em que gera uma velocidade, o participante ao mesmo tempo calcula a distância ideal. No caso do Salto em distância, segundo Rojas (2017), transforma a velocidade horizontal da corrida em uma força para a impulsão que contempla uma distância ideal, podendo ser de 40 a 45 metros para gerar velocidade, sendo que sua penúltima passada deve ser mais alongada, enquanto a última deverá ser menor para que o atleta toque a tábua de impulsão com o tronco o mais vertical possível.

No Salto em altura, a forma corporal da corrida em “J” corresponde ao núcleo da etapa de preparação. Ela vai expressar a técnica com que o participante corre em uma velocidade progressiva, sendo que a primeira parte da corrida será em linha reta, e a segunda parte será em curva. Nas primeiras passadas, o apoio é feito pela planta do pé, o centro de gravidade baixa moderadamente, e na penúltima passada

o tronco deverá estar atrasado. Na corrida final o tronco deverá inclinar-se para a parte interna. Segundo Oliveira (2011, p. 9),

[...] esta fase tem cerca de 10 passadas e é dividida em duas partes, a primeira segue uma linha reta perpendicular à fasquia com uma corrida forte e a última parte segue 4 a 5 passadas em curva. Esta última parte é feita em curva para que o atleta se incline de forma apropriada de modo a efetuar da melhor forma a fase de impulso. Uma corrida rápida ou uma curva apertada, originam a direção da inclinação no centro da curva.

Ao chegar à etapa de impulso, o participante coloca toda velocidade adquirida na corrida, sua maior força, que resulta em uma potência que conseguirá elevar o seu corpo de forma horizontal ou vertical. Contudo, conseguir gerar uma forma corporal para uma distância maior ou para uma altura maior tem diferença.

No Salto em distância, para conseguir um voo mais longe, o participante chega à tábua de impulsão com uma técnica, já apresentada no capítulo anterior, em que a posição mais adequada do corpo projeta um ângulo de 18° a 24° graus, o que fará o sujeito sair da tábua de impulsão com o máximo de força. O participante utiliza os meios técnicos realizando uma impulsão com sua perna mais forte, que deverá estar pouco flexionada, com seu centro de gravidade o mais alto possível. O pé todo deverá tocar a tábua com um movimento rápido e ativo. O sujeito fará uma extensão completa das articulações da perna de impulso, enquanto a perna livre será fletida e chutada para frente em um ângulo de 90° graus, com o braço contrário elevado acima da cabeça, fletido também em um ângulo de 90° graus.

A impulsão não significa apenas bater o pé na tábua, pois nesse último passo o joelho está quase estendido, já que a perna vai “buscar” a tábua de impulsão como se quisesse puxá-la para trás. Após o contato firme do pé com a tábua, é realizada a tração que aproxima o corpo da tábua até conduzir o peso do corpo e a velocidade da corrida para o momento de extensão do joelho [...]. (ROJAS, 2017, p. 124, grifo do autor).

No Salto em altura, a forma corporal da posição do corpo, no impulso, exerce uma determinada força no solo, que determinará a altura máxima do centro de massa do participante na fase em que deixará de existir contato com o solo. A fase de voo também será fundamental para o momento de rotação ou momento angular, pois é este momento que dará ao participante a rotação devida para ultrapassar a fasquia, desenvolvendo uma ação que resulta em ângulos com variáveis de 10° a

25º graus, projetando o corpo para o alto. Os meios técnicos utilizados nessa etapa indicam que o tronco deverá estar atrasado, os braços deverão estar atrás do corpo, o pé de impulsão voltado para o colchão em um ângulo de 45º, a perna ligeiramente fletida e o ombro do lado contrário; a perna de impulsão deverá estar à frente, voltada para a fasquia. O pé da perna de impulso realiza um movimento rápido e ativo, e a perna livre será chutada para cima e para fora. Os braços serão lançados para cima, em direção à fasquia.

Após o impulso, o Salto se transporta para a forma corporal da etapa de voo, porém necessitamos esclarecer um elemento que se desenvolverá: a resistência do ar. Quando o sujeito vence a ação da gravidade com o impulso do corpo, a força projetada para vencer a altura ou a distância gera, ao mesmo tempo, uma força no sentido oposto, fenômeno denominado resistência do ar. É comum, como citado anteriormente, que os recordes mundiais dos Saltos se desenvolvessem em países com altas altitudes, pois a densidade do ar é menor, nesse sentido seu peso é menor, o que corresponde a uma baixa pressão, que faz o corpo voar mais alto ou mais longe.

O ar presente na atmosfera cerca todos os corpos. Esses corpos, quando colocados em movimento – como quando andamos, o ar se opõe ao movimento por meio de um fenômeno denominado resistência do ar. A resistência do ar será maior quando maior for a quantidade de ar deslocada. (THOMPSON; RIOS, 2018, p. 50).

Por exemplo, quando o sujeito projeta uma força para cima, no Salto em altura, ao mesmo tempo há uma força contrária imposta pelo ar. O mesmo se expressa no Salto em distância em relação à força horizontal. Para conseguir isso, ao “rasgar” o ar necessita uma posição mais adequada do corpo que se materializa em uma determinada forma corporal.

Nesse sentido, para o Salto em distância, a forma corporal da pedalada no ar dá ao participante preciosos acréscimos, pois a pedalada no ar posiciona o corpo a vencer a resistência do ar. Por mais que no imediato vemos uma “pedalada”, esta ajuda a vencer a resistência do ar. “Na sequência de impulsão, a partir da elevação de um joelho, o atleta continua executando passadas, no ar, como se pudesse andar para frente de três passos a cinco passos.” (ROJAS, 2017, p. 125).

No Salto em altura, a fórmula do cálculo é a mesma, mas a posição do corpo é diferente, uma vez que os Saltos possuem suas especificidades. O participante, ao

sair da etapa de impulso do Salto em altura, gera uma técnica que posiciona seus braços para cima, formando um certo “funil” para vencer esta resistência do ar e conseguir voar mais alto. Durante o momento aéreo, o participante desenvolve o cuidado de não tocar a fasquia com o corpo²⁴, projetando as pernas para o alto junto com os braços.

Os erros mais comuns nesse estilo são: lançar o corpo contra o sarrafo; bater as costas antes do Salto; dar impulso insuficiente para completar as fases do Salto; lançar cabeça e braços precipitadamente e diminuir a altura do Salto; flexionar o quadril durante o voo antes de passar pelo sarrafo; e demorar para flexionar o quadril, puxando as pernas depois de o quadril passar do sarrafo (ROJAS, 2017, p. 134-135).

Por essa razão, as condições de altitude, temperatura, pressão²⁵ do ambiente são importantes para o desenvolvimento do Salto, conforme já apontamos no capítulo anterior.

Por fim, a posição do corpo na etapa de queda para o Salto em altura e em distância também desenvolve uma forma corporal diferente. No Salto em distância, a marca na areia mais próxima da tábua de impulsão será a referência final da marca, razão pela qual a queda necessita ser “limpa”, sem deixar outras partes do corpo (como os braços, a cabeça) tocarem na areia. Por exemplo, o participante, ao aterrissar com os calcanhares na areia, vai gerar uma marca, porém ele pode se desequilibrar e cair de costas com os braços no chão. Se os braços tocarem na areia antes da marca gerada com os calcanhares, vai valer, pelas regras, a marca final tocada pelos braços, perdendo preciosos centímetros. Rojas (2017, p. 126) chama atenção para outro fato:

Para executar a queda com o maior aproveitamento possível, o atleta lança os pés o mais longe possível e projeta o tronco para frente, tentando desequilibrar o conjunto e evitando cair sentado. Se for inevitável cair tocando o quadril – cair sentado –, é importante cuidar para não deitar ou colocar a mão ou o braço para trás, pois a medida é feita na marca mais próxima da tábua de impulsão. Uma queda com falha técnica pode prejudicar significativamente a distância saltada e, por consequência, a colocação do atleta.

²⁴ Mesmo as regras permitindo o toque na fasquia, a atenção para não tocar corresponde ao cuidado para não a deixar cair.

²⁵ Nesta pesquisa não é nosso objetivo explicitar esses elementos de temperatura, pressão (da área da física) do ar, mas apontar que as condições do ambiente são importantes para o desenvolvimento dos Saltos.

No Salto em altura, a etapa da queda não tem tanto significado na sua empiria: ao ultrapassar a fasquia sem deixá-la cair, a única ação é deixar a “inércia trabalhar”, cair de fato sobre o colchão. Porém, vale lembrar que graças às condições objetivas de mudança de regras e ao material (colchão), os atletas conseguiram desenvolver ações para as etapas anteriores a partir de uma queda segura. A esse respeito, a queda orientou as ações da etapa de preparação, impulso, voo, mas a ação técnica da queda expressa a caída sobre colchão. Os meios técnicos da queda a qualificaram: “[...] feita de costas, com os braços soltos ao lado ou acima do corpo e as pernas devem alcançar a área de queda sobre o tronco ou ao lado dele.” (ROJAS, 2017, p. 134).

Essas foram as posições mais adequadas do corpo e as formas corporais de cada etapa de desenvolvimento dos Saltos. Veremos agora como os elementos de marca, metas e técnica se desenvolvem na atividade de Salto.

A ação do Salto apresenta-se como uma marca mediada pelos objetivos ou metas introduzidas na relação pelo próprio sujeito. A marca cumpre um papel de referência para o Salto: “[...] o sujeito precisa, de alguma forma, transformar as metas gerais e abstratas em uma meta particular e concreta para si e em meios técnicos concretos para satisfazer tais metas.” (NASCIMENTO, 2014, p. 222). A marca acaba expressando não só o resultado final de um quantum de Salto, mas toda a unidade entre a meta do sujeito e os meios técnicos disponíveis. Nesse sentido, as capacidades físicas para saltar, como força, velocidade, as destrezas (as “habilidades” corporais) e os elementos técnicos fazem parte do conjunto de técnicas relacionadas à meta geral dos meios necessários para uma determinada forma corporal (NASCIMENTO, 2014).

A marca cumpre um papel de referência de fins e os meios para ação do sujeito na manifestação. Vejamos um exemplo²⁶. O professor estabelece uma tarefa para a criança: saltar o mais longe possível a partir de uma Marca²⁷ de giz no chão. A Marca, neste caso, serve de referência visual e para sua finalidade de conseguir saltar, sendo assim ela tem uma meta geral a ser alcançada e, ao mesmo tempo,

²⁶ Todos os nossos exemplos estarão relacionados à escola, pois nosso objetivo é analisar o conteúdo teórico para que os escolares, ao entrarem em atividade de estudo, assimilem o conteúdo teórico do conceito e desenvolvam um pensamento teórico.

²⁷ Utilizaremos unicamente nesse exemplo específico marca com inicial minúscula com o intuito de representar não só o quantum de Salto, mas todo o processo. E Marca com inicial maiúscula representando apenas a marca de giz no chão.

realiza os meios técnicos para conseguir realizar a tarefa de saltar. A criança desenvolve tarefas para assimilar os meios técnicos, analisando várias formas para conseguir saltar melhor. Como possibilidade, em um primeiro momento (ou primeiro Salto), as crianças podem expressar no seu desenvolvimento um Salto utilizando o impulso com uma das pernas ou com as duas pernas, podem correr em uma distância muito curta ou não pegar distância. É possível ocorrer que as crianças, nesse primeiro momento, não consigam desenvolver uma marca capaz de expressar uma significação que elas projetaram antes de saltar. Nesse caso, surgem possibilidades de reflexão: como realizaram as ações para saltar? Como podemos superar a marca atual que desenvolveram? Assim, para a tarefa proposta aos alunos de saltar o mais longe possível a partir de uma Marca de giz no chão – em que apresenta a meta geral e ao mesmo tempo os meios técnicos para se atingir esta finalidade –, o professor, junto com as crianças, estabelecem possíveis ações para conseguir desenvolver o Salto, como por exemplo, correr em uma distância de 10, 20 ou 30 metros na etapa de preparação, impulsionar o corpo flexionando os joelhos, agachando para ter um impulso maior, correr para ganhar velocidade e assim projetar uma força considerável. Nesse sentido, a criança determina as formas corporais. Ao analisar essas situações, a criança vai assimilando as posições mais adequadas do corpo, como: correr, impulsionar, passar mais tempo no ar e depois cair flexionando os joelhos. Isso muitas vezes possibilita um avanço significativo para produção de sua marca, pois ela desenvolve novas metas para poder ir mais longe e formar novas marcas.

Segundo Zaporozhets (1987), para a criança, na formação da atividade de Salto, os movimentos dependem do caráter da tarefa planejada. Para que a tarefa seja aceita e provoque nas crianças a disposição de resolvê-la, devem surgir motivos que a impulsionem a atuar.

Quando o professor propõe saltar o mais longe possível a partir de uma referência (representando a tábua de impulsão), ele propõe uma tarefa que para a criança expressará um desafio projetando uma meta geral. Com a finalidade de resolver essa tarefa, a criança projeta ao mesmo tempo os meios técnicos para uma posição mais adequada do corpo que se materializa em uma forma corporal para as etapas do Salto (preparação, impulso, voo e queda). No final desse processo, a criança desenvolve um quantum de Salto objetivando sua marca externa.

A meta geral de “saltar o mais alto possível” é, justamente, *geral* ou genérica, não sendo capaz de orientar – por si – uma *planificação das ações concretas dos sujeitos*. Mas essa genericidade torna-se orientadora na medida em que ela se apresenta, ao mesmo tempo, como um conjunto de *metas possíveis*, as quais o sujeito deverá se engajar e criar para si a sua própria *meta concreta*. (NASCIMENTO, 2014, p. 224, grifo do autor).

A meta geral de saltar o mais longe possível, neste caso, por si só não é capaz de orientar sua relação essencial. Isso porque a meta está complementada com a técnica, tornando-se orientadora na medida em que ela se apresenta, ao mesmo tempo, como um conjunto de metas, às quais o sujeito deverá se engajar e criar para si a sua própria meta concreta com possíveis técnicas para conseguir atingir esta finalidade. Segundo Nascimento (2014, p. 224, grifo do autor),

[...] a primeira “concretização” dessa meta geral diz respeito ao estabelecimento da *meta atual* do sujeito: a ele conhecer/perceber o quão alto ele efetivamente consegue saltar (o seu limite atual). Concretizar a meta em termos do que o sujeito consegue fazer permite, ao mesmo tempo, que ele perceba em certa medida aquilo que ele ainda pode vir a fazer: permite que ele elabore novas metas para si: uma *meta possível* ou futura. Ao mesmo tempo, para elaborar essa meta possível é necessário dominar de algum modo os meios técnicos para alcançá-la (conjunto de capacidades e destrezas corporais relacionadas ao fim geral proposto para a ação corporal).

Ao propor uma meta geral, o sujeito de alguma forma transforma essa meta abstrata em uma meta específica e concreta para si e vislumbra os meios técnicos concretos para satisfazê-la. Precisa transformar as ações do Salto (formas corporais) dadas pela tarefa em uma marca. Essa meta geral permite, em um certo sentido, que os sujeitos elaborem uma marca para si. Essa meta é “concreta porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade de diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo de síntese.” (MARX, 2011, p. 54). A meta concreta se torna a unidade entre a meta geral e os elementos técnicos, reprodução do concreto por meio do pensamento. “O abstrato e o concreto são momento de desmembração do próprio objeto, da própria realidade, refletida na consciência e por isso são derivadas da própria atividade mental.”²⁸ (DAVIDOV, 1988, p. 144).

²⁸ Lo abstracto y lo concreto son momentos de la desmembración del propio objeto, de la realidad misma, reflejada en la conciencia y por ello son derivados del proceso de la actividad mental.

Ao conscientizar-se sobre determinada meta geral (meta de vencer uma marca pré-estabelecida – Salto em altura ou meta de saltar o mais longe possível – Salto em distância), o sujeito estabelece os meios técnicos para resolver a tarefa do Salto. “A relação entre a *meta possível* e os meios *técnicos* para alcançá-la estabelecem uma mútua relação entre si” (NASCIMENTO, 2014, p. 225, grifo do autor). Sobre esse aspecto, Colombo (2021, p. 88, grifo do autor) observa que

[...] a tarefa e o motivo cumprem papel importante para a assimilação e desenvolvimento de determinado *movimento objetivo organizado*, transformado historicamente, no seio da vida cotidiana dos sujeitos em técnica, em modo de atuação mais adequado para a realização de determinada ação de uma certa atividade.

Nesse processo de assimilação e desenvolvimento da técnica, há, portanto, que se situar o sujeito singular em suas atividades principais, para que essa assimilação e desenvolvimento possam efetivar-se qualitativamente, de modo mais correto possível.

A técnica expressa um conhecimento, meio de executar determinada operação ou conjunto de operações componentes da ação de certa atividade. “Colocar energia no trabalho com o mínimo de força é um conteúdo da técnica.” (COLOMBO, 2021, p. 47). De outra forma, o autor assevera que:

O conceito-chave de técnica, entendendo-a como o conhecimento, o modo mais adequado de execução de determinada operação (ou de um conjunto de operações) atrelada à ação de certa atividade, edificado a partir do domínio histórico da ação corporal humana efetivada em uma determinada atividade adequada, ou seja, é o modo mais eficaz – preciso, rápido, seguro, constante e socialmente eficiente – possível de efetivar uma operação ou um conjunto de operações atreladas à ação corporal de certa atividade. (COLOMBO, 2021, p. 27).

A técnica é o modo de atuação mais adequado para resolver uma tarefa de estudo, contudo ela não pode ser vista de fora, na relação da aparência. O ensino da técnica do Salto sem estar substancialmente atrelado a tarefas que realizem o motivo da atividade pode resultar numa compreensão limitada ao imediato. No Salto o sujeito deve ser orientado a assimilar os meios técnicos da melhor forma possível, engajado ao domínio da própria ação corporal dominando sua meta concreta.

Os meios técnicos são aquelas técnicas apropriadas pelo sujeito e direcionadas às suas metas. Uma técnica sintetiza um modo de ação *operacional* que se mostrou eficiente para uma determinada tarefa e, assim, objetiva em si a história de uma determinada atividade humana. Por essa razão, a técnica precisa ser apropriada. Contudo,

as técnicas são, sempre, produtos de *uma* atividade particular. Assim, a técnica para a modalidade esportiva do salto em altura é uma técnica *desta* atividade particular. E, como tal, ela é uma das técnicas que podem ser apropriadas pelas crianças e não o modo único de ação para todo e qualquer “salto em altura”. Ao mesmo tempo, o fato de ela ter nascido e existir em uma atividade esportiva, não faz dela menos apropriada para ser ensinada na escola. O conjunto de técnicas elaboradas pela humanidade na esfera das ações corporais (o conjunto de *operações*) deve ser igualmente apropriado pelos sujeitos, assim como a apropriação dos objetivos. E, do mesmo modo que o sujeito deve “testar” as metas existentes em uma dada tarefa a fim de produzir a sua meta concreta, ele deve “testar” os meios técnicos existentes para produzir a sua técnica concreta. Lembrando que essa concretude dos fins e dos meios técnicos não está dada simplesmente pela “opção” subjetiva do sujeito, embora a inclua. Está dada, fundamentalmente, pela estrutura das atividades nas quais ele se insere. Se a atividade na qual ele se insere (uma atividade particular da cultura corporal e/ou uma atividade de ensino com os objetivos da cultura corporal) não exige dele mais do que técnicas simples, ele provavelmente não terá necessidade de se apropriar de técnicas mais elaboradas. Não terá necessidade de dominar a ação corporal em níveis técnicos cada vez maiores. (NASCIMENTO, 2014, p. 235-236, grifo do autor).

O motivo de assimilar uma posição mais adequada do corpo que se materializa em uma determinada forma corporal a ser dominada nas etapas de preparação, impulso, voo e queda do Salto está relacionado com sua finalidade de criar um quantum de Salto. Sua marca externa em relação à meta concreta motiva-o a assimilar essas técnicas para atingir novas metas a fim de produzir novas marcas. Vejamos outro exemplo.

Os escolares têm como meta (objetivo) saltar em altura sobre uma fita cuja altura já foi pré-estabelecida. Portanto a criança tem um desafio, um objetivo a ser alcançado. A primeira situação, no campo da abstração, a meta geral proposta pela atividade do Salto, poderia ser a de saltar o mais alto possível, mas a relação que vai expressar é a meta geral de vencer a altura da fita (marca pré-estabelecida) podendo, também, manipular a fita em diferentes alturas. A fita, nesse caso, serve como referência visual e externa das metas a serem alcançadas (NASCIMENTO, 2014). Para atingir essa meta geral de saltar o mais alto possível, é preciso organizar a atividade de Salto de modo a se conhecer o que significa o mais alto para si, ou seja, conhecer sua marca atual. Para isso, o sujeito precisa se envolver na tarefa e precisa se apropriar dos meios técnicos existentes em relação ao saltar alto na vertical. Ao analisar sua marca atual e as técnicas utilizadas para conseguir desenvolver o objetivo inicial, o professor problematiza com os alunos como

conseguir superar a marca atual e quais as ações para que esta superação aconteça. Nesse momento, a marca atual passa a ser uma meta concreta, pois além de projetar no pensamento o saltar o mais alto possível, a unidade dos meios para que isso aconteça (técnicas) estará se desenvolvendo. Contudo, ao problematizar e desafiar os alunos, é necessário expor as regras que compõem a manifestação, pois estas orientam as ações realizadas para conseguir produzir uma marca externa na atividade Salto.

Nessa relação, a situação de competição entre os alunos se desenvolve entre os participantes. O conteúdo real que organiza o Salto e que se expressa pela *meta geral* de saltar o mais alto ou o mais longe é a capacidade dos participantes de dominarem suas formas corporais em relação às posições do corpo para formar uma *forma corporal* nas etapas de *preparação, impulso, voo e queda*. A situação de competição com o outro é uma particularidade essencial? Essa condição ou particularidade faz com que o domínio da própria ação corporal aparente não ser o núcleo ou o centro dessa atividade. Mas uma situação de competição é, justamente, uma situação. Como tal, trata-se de uma condição na qual os objetos das atividades da cultura corporal – em suas próprias estruturas e relações internas – poderão se apresentar (NASCIMENTO, 2014, p. 221).

Ao realizar algumas ações de Salto sobre a fita e perceber que é possível superar a marca atual, os escolares poderão estabelecer outras relações com os meios técnicos para atingir essa meta geral: por exemplo, poderão perceber a necessidade de aumentar um pouco mais a velocidade na técnica de corrida ou erguer mais as pernas no momento do voo para passar sobre a fita. Essa relação consciente com a meta concreta pode permitir que os escolares busquem intencionalmente novos meios, novas possibilidades técnicas para atingi-la. Do mesmo modo, ao assimilarem ou se depararem com novas técnicas para atingir uma meta – por exemplo, diferentes formas para realizar o Salto em altura, (talvez analisar o processo histórico das técnicas do Salto em altura) –, os escolares poderão partir delas ou de uma delas, e, com este novo meio, estabelecer novas possibilidades com a meta, formando novas marcas.

[...] as *marcas* surgem nessas atividades em virtude de sua estrutura mesma: os resultados das ações dos sujeitos em direção à meta geral podem ser *visualizados* a partir da distância ou altura que ele pode ou não ultrapassar. Ao mesmo tempo, as formas compreendidas

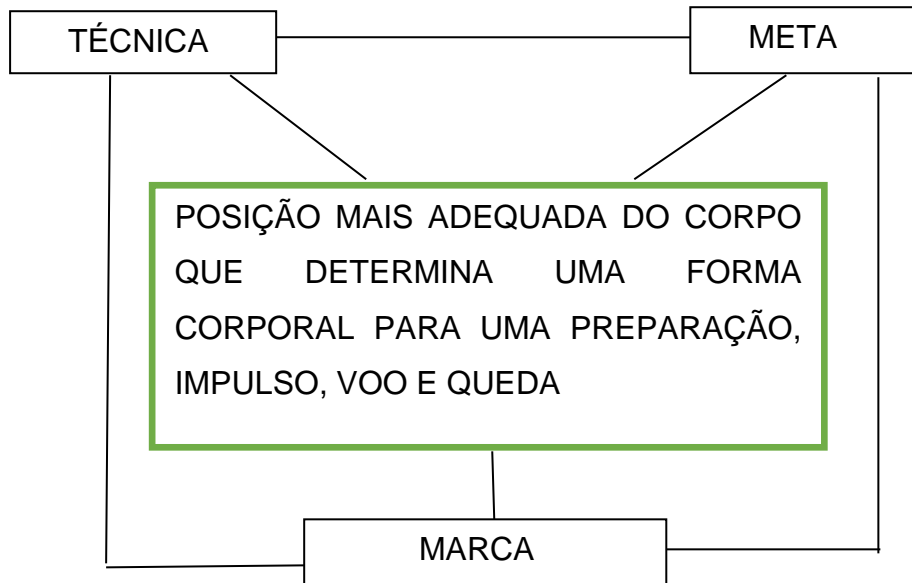
para ultrapassar o obstáculo (as técnicas) podem ser igualmente avaliadas nas suas relações com os resultados alcançados ou não com elas. E, por fim, a possibilidade de realizar diferentes tentativas para atingir a meta proposta permite ao sujeito engajar-se em um processo deliberado e contínuo de busca de seu próprio aprimoramento na ação em questão. Essas condições permitem com que a marca produzida nessa atividade pelo próprio sujeito oriente-o a alcançar novos níveis de desafios para si. (NASCIMENTO, 2014, p. 236, grifo nosso).

Segundo Nascimento (2014), a marca surge, na atividade de Salto, como resultado das ações dos escolares em direção à meta geral transformadas em uma meta concreta para si e os meios técnicos para si. O conteúdo da marca externa não resultará apenas no quantum de Salto em relação aos metros aos quais o sujeito pode chegar, mas na unidade entre as metas concretas e os meios técnicos. Nessa relação, a marca expressa o motivo da atividade de Salto.

Criar uma *marca* para si não diz respeito apenas a direcionar-se conscientemente à meta geral existente para uma dada ação corporal (uma simples consciência dos fins), mas sim e, sobretudo, a *dominar* essa meta geral na sua relação com a meta concreta ou possível e os meios técnicos que satisfazem tal meta. A marca representa, assim, uma *referência* de *fins* e *meios* para a ação desse sujeito com a ação corporal da qual ele participa. (NASCIMENTO, 2014, p. 222, grifo do autor).

Após apresentarmos esses conceitos, formulamos, como possibilidade de expressar um possível esquema teórico do conteúdo da atividade Salto (Figura 6), a ação de saltar tomada como tal na sua relação com o objetivo/finalidade para a produção da marca externa. Ao mesmo tempo, sua ação é impulsionada pelo motivo da atividade em relação à meta e aos meios técnicos.

FIGURA 6 – Esquema do conteúdo teórico da atividade de Salto



O esquema da Figura 6 nos mostra a possibilidade de um conteúdo teórico da atividade de Salto. Ele expressa a forma corporal do Salto na relação entre técnicas e metas para a formação da marca objetivada na posição do corpo em etapas de preparação, impulso, voo e queda. Discutiremos, no próximo tópico, o esquema do conteúdo teórico da atividade de Salto.

4.1 ESQUEMA DO CONTEÚDO TEÓRICO DA ATIVIDADE DE SALTO

No tópico anterior, buscamos expor os elementos que compõem o conteúdo teórico da atividade de Salto, apresentando os elementos do *Salto* que expressam as técnicas em relação às metas para realizar uma posição mais adequada do corpo que se materializa em determinada forma corporal a fim de formar uma marca, o que nos resultou em um esquema que compõem o conteúdo da atividade de Salto.

Neste tópico, apresentaremos a estrutura do esquema do conteúdo teórico do Salto. Nosso objetivo não é explicitar conceitos, pois já foram expostos no capítulo quatro, mas explicar a estrutura do esquema que representa o conteúdo teórico da atividade de Salto do atletismo (Figura 6).

Primeiramente pensamos no Salto enquanto expressão principal em que o saltar é a própria atividade como constituinte principal, atividade que está carregada de necessidade, finalidade, motivo, tarefas, ações e operações. Visto por esse

ângulo, o conteúdo principal dessa atividade é realizar uma posição mais adequada do corpo que se materializa em uma determinada forma corporal a ser dominada pelo sujeito, razão pela qual este conceito se apresenta no centro da estrutura. Cada ação desse conteúdo central expressa uma etapa do Salto (preparação, impulso, voo e queda).

Para realizar tais etapas, o sujeito desenvolve ao mesmo tempo suas metas e suas técnicas. Por isso são tomados como “iguais”, na parte superior do esquema, os elementos técnicos e as metas. Inicialmente, o sujeito da atividade tem uma meta geral de saltar o mais longe ou o mais alto possível dentro da atividade. Ao mesmo tempo que o indivíduo projeta como solucionar essa meta geral, ele cria ou assimila os meios para que isso aconteça. Pensando nos meios técnicos, projeta uma meta concreta, síntese de múltiplas relações, transformando a meta geral em uma meta concreta, pois já está em sua consciência a relação entre os meios técnicos e a meta geral. A relação entre meios técnicos e meta possível estabelecerá a melhor posição do corpo, uma forma corporal a ser assumida em cada fase do Salto: preparação, impulso, voo e queda. Nesse sentido, todo o contexto superior do esquema está interligado, pois gera uma unidade.

A marca externa ocupa o lugar inferior do esquema, uma vez que representa a finalidade/produto final da atividade, aquela que representará o quantum de Salto. Segundo Davidov (1988), quando se definem a necessidade e os motivos da atividade, forma-se, de maneira suficientemente precisa, o conteúdo objetual (posição mais adequada do corpo que determina uma forma corporal). O sujeito, ao definir sua necessidade e os motivos de saltar, projeta o seu conteúdo e sua finalidade. Aqui a finalidade, como imagem do futuro, como imagem do que deve ser, determina o produto e suas ações. Por esse motivo a marca está ligada tanto aos meios técnicos quanto às metas: a relação da produção da marca, como já apresentado, não representa por si só o resultado de um quantum de Salto, mas a unidade entre técnica e meta.

Todo esse contexto que a atividade de Salto expressa se desenvolve em unidade do diverso, que é realizada pelo procedimento de ascensão do abstrato ao concreto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo foi analisar o conteúdo teórico da atividade de Salto referindo-nos ao termo Salto, exclusivamente com letra inicial maiúscula, com o intuito de expressar as atividades do atletismo em que o Salto expressa uma posição do corpo que determina uma forma corporal nas etapas de preparação, impulso, voo e queda na unidade entre os *meios técnicos* e as *metas possíveis* para a formação de uma *marca externa*.

Nesse sentido, nossa pesquisa iniciou com uma exposição daquilo que chamamos de *atividade*. O salto, como vimos, está presente no nosso cotidiano em várias situações, expressando finalidades diferentes, seja no âmbito da saúde, nos jogos, na luta, nas danças, no circo, na ginástica. Porém, em todas essas atividades o salto se desenvolve como ação ou operação de uma certa atividade: de jogo, dança, produtiva. O salto possivelmente não expressa o centro de tais atividades, diferentemente das atividades do Salto do atletismo, que carrega o saltar como atividade principal em que projeta uma finalidade, a produção de uma marca. A mesma ação pode expressar atividades distintas e pode ser realizada com operações diferentes, porque esta forma de objetivação da ação é determinada pelas operações e estas, por sua vez, são determinadas pelas condições objetivas.

Por essa razão, a atividade carrega uma estrutura que, segundo Leontiev (2021), é composta por necessidade, finalidade, motivo, tarefas, ações e operações. Essa é a chave para o descobrimento da gênese e desenvolvimento do Salto, pois nesta análise pudemos perceber qual a finalidade e o motivo de cada momento histórico em que a manifestação saltar se expressa. Salto que expressa a relação entre *meios técnicos* e *metas possíveis* para realizar uma determinada *posição exata do corpo* que se materializa em uma determinada *forma corporal* com a qual vai formar uma marca externa.

Por atividade designamos a transformação, com finalidade prévia, pelos seres humanos, da realidade que os circunda. A forma inicial de tal transformação ocorre pelo trabalho. O trabalho como atividade criativa do ser humano. Todos os tipos de atividade material e espiritual do ser humano são derivados direta e indiretamente do trabalho e levam em si seu traço principal, a transformação criativa da atividade e, como resultado, de si mesmo (DAVIDOV; SLOBÓDCHIKOV, 1991).

Por isso consideramos importante ter analisado o salto durante as atividades cotidianas, religiosas, no treinamento militar e no esporte. Vimos que o salto na atividade cotidiana se expressa em uma forma corporal com finalidade de sobrevivência, seja para adquirir um alimento, para caçar ou fugir de um animal feroz. Embora possamos perceber que suas ações podem ser o deslocamento do corpo contra a gravidade com o impulso dele, isso ocorria no interior de diferentes atividades.

Assim, como ao passar dos anos, a qualificação e a divisão do trabalho passaram a criar papéis sociais estabelecendo hierarquia de poderes, seja por escravos ou por terra, época em que o treinamento militar passou a ser parte de uma atividade importante, projetando o salto com fins militares para vencer guerras, para ganhar territórios.

Os embriões do Salto foram encontrados no contexto religioso da Grécia antiga. Nesse período, a finalidade dos atletas gregos expressava a busca pelo aretê, a busca por sua virtude, sua força, coragem, perfeição, para estarem mais próximos dos deuses. O salto em distância dos jogos antigos apresentava as etapas de desenvolvimento com uma característica similar aos Saltos, etapas que expressavam preparação, impulso, voo e queda, articulados com uma técnica de corrida: impulso com halteres, um momento de voo em que os participantes jogavam os halteres para trás do corpo, e uma queda na areia planejada com uma meta geral de saltar o mais longe possível. Embora houvesse uma marca que resultava em um produto/final de um quantum de salto – marcas que são utilizadas como referência na contextualização da história do salto –, seu motivo estava na finalidade de homenagem aos deuses. Sua atividade principal expressava uma relação religiosa na qual usavam o salto para atingir sua finalidade.

Consideramos importante deixar claro que os embriões do Salto se encontram no salto em distância da Grécia antiga, mas que seu desenvolvimento com motivo próprio só se expressa na era moderna, em que o Salto realiza uma posição do corpo que materializa uma forma corporal tendo em vista a produção de uma marca. Seus elementos se desenvolvem e expressam as metas gerais de saltar o mais alto ou o mais longe possível realizando meios técnicos, o que se objetiva em etapas de execução: preparação, impulso, voo e queda.

Vale ressaltar que a possibilidade de desenvolvimento do Salto na modernidade ocorreu e ocorre na relação de regras que orientam as formas corporais do Salto e as condições objetivas. O indicativo que podemos apontar desse desenvolvimento expressa a regra de um único impulso que os Saltos apresentam, além das condições objetivas das áreas de queda, como no exemplo citado do Salto em altura (areia, areia “fofa” e colchão), condições das quais decorreu a possibilidade de desenvolvimento das outras etapas, que se complexificaram.

Como possibilidade de apresentar um conteúdo teórico da atividade de Salto, este não pode ser analisado fora dos conceitos do domínio da própria ação corporal (assim como o atletismo enquanto totalidade), pois a ação de saltar contempla esta relação essencial. No Salto, o participante tem uma finalidade de formar uma marca externa, o que o motiva. Nessa relação, ele projeta ao mesmo tempo suas metas e suas técnicas para conseguir atingir essa finalidade. A técnica orientará a melhor posição do corpo, que precisa ser dominada como forma corporal em cada fase de execução: preparação, impulso, voo e queda. Para cada Salto (distância ou altura) formará uma forma corporal específica, embora apresente no seu conceito as mesmas etapas.

À medida que o ser humano vai assimilando esse conteúdo, ele transforma sua meta geral em uma meta concreta que expressa a síntese de múltiplas relações (unidade entre a meta geral e os meios técnicos) e, no final desse processo da atividade, o sujeito forma uma marca externa que, além de expor o resultado de um quantum de Salto, é a unidade entre a meta e os meios técnicos. Nessa relação do Salto, de pensarmos na possibilidade de expressar sua relação essencial no contexto de domínio da ação corporal – da posição corporal –, a forma corporal ocupa o centro da atividade.

No entanto, não conseguimos aprofundar todos esses elementos do Salto, o que necessita de estudos que investiguem o processo histórico dos elementos técnicos do Salto em distância para que avancemos nas análises do seu próprio conteúdo, assim como encontrar sua gênese. Ainda necessitamos avançar na compreensão da posição mais adequada do corpo que se materializa em uma determinada forma corporal das etapas do Salto em altura e Salto em distância.

Por fim, apontamos a necessidade de desmembramento de outras pesquisas para responder a perguntas deixadas nesta investigação, como por exemplo, de que forma ocorre a passagem do abstrato ao concreto na assimilação da atividade de Salto. Nosso motivo de investigação estava na possibilidade de ampliar o conhecimento da relação essencial da cultura corporal, para que os professores e professoras se apropriem do objeto e possibilitem aos escolares o desenvolvimento de um pensamento teórico.

Por essa razão, necessitamos de pesquisas que abarquem experimentos formativos desse objeto e que avancemos na compreensão de uma organização e sistematização das tarefas; ações de estudo; controle e avaliação, avançando na organização da atividade de estudo.

REFERÊNCIAS

- BEIER, Gilberto, T. Salto em distância: avaliação de desempenho em diferentes distâncias de corrida. In: **Anais...** 16º congresso de iniciação científica UCPEL, Pelotas, 2007.
- BERNARDO, Jhanifer, A. **O conteúdo teórico do conceito de regra**: 2020. Dissertação (mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Santa Catarina, 2020.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno CEDES**, Campinas, ano XIX, 48, pp. 69-88, ago. 1999.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- COLOMBO, Bruno. D. **O esporte e a expansão do capital: as críticas, contradições e implicações para a educação física**: 2014. Dissertação (mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2014.
- COLOMBO, Bruno. D. **A técnica como condição para o surgimento e o desenvolvimento do jogo de futebol**. 2021. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2021.
- CRICIUMA, Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Criciúma**: – Criciúma, SC: Secretaria Municipal de Educação, 2020.
- DARIDO, Suraya, C.; JÚNIOR, Osmar. M. S. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola**. 7 ed. Campinas: Papyrus, 2013.
- DARIDO, Suraya, C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- DAVÍDOV, Vasili V.; SLOBÓDCHIKOV, Victor I. La enseñanza que desarrolla en la escuela del desarrollo. In. MUDRIK, A. V. (Org.). **La educación y la enseñanza: una mirada al futuro**. Moscú: Editorial Progreso, 1991. p. 118-144.
- DAVIDOV, Vasili. V. Conteúdo e estrutura da atividade de estudo. In: PUENTES, Roberto V.; CARDOSO, Cecília G. C.; AMORIM, Paula A. P. **Teoria da Atividade de Estudo**: contribuições de D. B. Elkonin, V. V. Davidov e V. V. Repkin. Livro I. Curitiba/Uberlândia: CRV/EDUFU, 2019. p. 215-235.

DAVIDOV, Vasili. V. Uma nova abordagem para o entendimento do conteúdo e estrutura da atividade. In: PUENTES, Roberto V.; CARDOSO, Cecília G. C.; AMORIM, Paula A. P. **Teoria da Atividade de Estudo**: contribuições de D. B. Elkonin, V. V. Davidov e V. V. Repkin. Livro I. Curitiba/Uberlândia: CRV/EDUFU, 2019. p. 289-300.

DAVÍDOV, Vasily, V. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico**: investigación teórica y experimental. Moscú: Progreso, 1988.

ENGELS, Friedrich. **Dialética da natureza**. São Paulo : Boitempo, 2020.

EUZÉBIO, Carlos, A. **O conteúdo teórico dos conceitos de estratégia e tática no esporte**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

HUNGARO, Edson, M. **Trabalho, tempo livre e emancipação humana**: os determinantes ontológicos das políticas sociais de lazer. 2008. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, São Paulo.

LEONTIEV, Alexis. **Atividade, Consciência e Personalidade**. Bauru, SP: Mireveja, 2021.

LEONTIEV, Alexis. **Desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes, s/d.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Atletismo**: teoria e prática. - 2. ed. – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.

MATTHIESEN, Sara Q.; DE FREITAS, Fernando P. R. **História dos saltos**. – Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2011.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O Capital**: críticas da economia política: livro 1 – 34ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MENEGHEL, Gustavo B. A. **O conteúdo teórico do conceito de xadrez**: 2019. Dissertação (mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Santa Catarina, 2019.

MILAK, Isabela, N. **O ensino do jogo na perspectiva davydoviana**: 2018. Dissertação (mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Santa Catarina, 2018.

MILIOLI, Bruno, B. **A relação da mercadoria espetáculo esportivo com o processo de fetiche**. 2018. Dissertação (mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2018.

MIRANDA, Made Júnior. **O ensino desenvolvimental e a aprendizagem do voleibol**. 2013. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

MOURA, Manoel O. De.; ARAUJO, Elaine S.; SERRÃO, Maria I. B. (2019). Atividade Orientadora de Ensino: fundamentos. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 24, p. e19817, 2019. DOI: 10.26512/lc.v24i0.19817. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/19817>. Acesso em: 02 de setembro de 2020.

NASCIMENTO, Carolina P. **A atividade pedagógica da Educação Física: a proposição dos objetos de ensino e o desenvolvimento das atividades da cultura corporal**. 2014. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NEWTON, Isaac. **Principia: princípios matemáticos de filosofia natural**. 2 ed., 5 reimpr. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020.

OLIVEIRA, Amon, V. N. **Padrão cinemático da fase de impulsão utilizado pelos atletas de salto em distância de elite**. 2015. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

OLIVEIRA, Paulo. **Análise Biomecânica do salto em altura**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Biomecânica) – Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Leiria, 2011.

ORTIGARA, Vidalcir. **Ausência sentida nos estudos em educação física: a determinação ontológica do ser social**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Cortez, 2001.

ROJAS, Paola Neiza Camacho. **Aspectos pedagógicos do atletismo**. Curitiba: InterSaberes, 2017.

RUBINSTEIN, Sergei, L. **Princípios de psicologia geral**. Lisboa: Estampa, 1973.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina: formação integral da Educação Básica**. Estado de Santa Catarina: Secretaria de Estado da Educação, 2014.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação. **Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense**. Estado de Santa Catarina: Secretaria de Estado da Educação, 2019.

SMITH, Ward. A. J. (1986) Altitude and wind effects on long jump performance with particular reference to the world record established by Bob Beamon, **Journal of Sports Sciences**, 4:2, 89-99.

THOMPSON, Miguel; RIOS, Eloci, P. **Observatório de ciências: Manual do professor / organizadora** Editora Moderna. 3 ed. São Paulo: moderna, 2018.

VIGOTSKY, Lev, S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev, S. **Pensamento e Linguagem**. 6 reimp. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZAPORÓZHETS, Alexander, V. Estudio psicológico del desarrollo de la motricidade em el niño pré-escolar. In Bliiblioteca de Psicologia Soviética. **La psicologia evolutiva y pedagógica em la urss: antologia**. Moscú: Editoria Progreso, 1987. p. 71-82.

